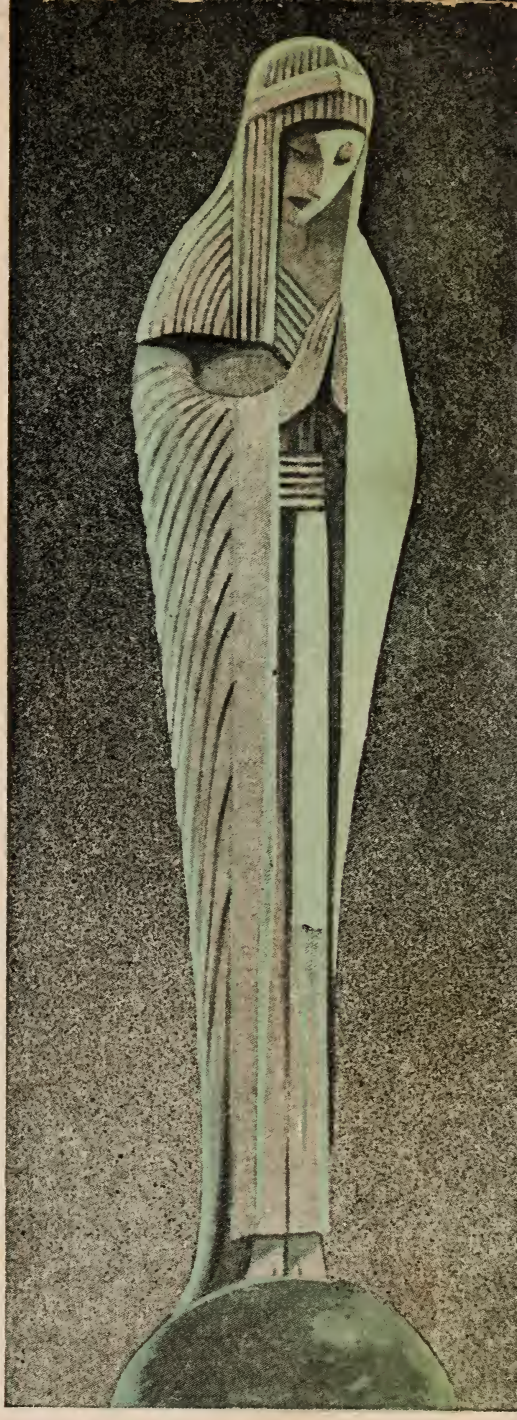

MYRIAM

Library of The Theological Seminary

PRINCETON · NEW JERSEY

PRESENTED BY

The Author

BT 601 .R63 1942
Rohden, Huberto.
Myriam

Ofrecido por

Norberto Jobson

1945

MYRIAM

HUBERTO ROHDEN

LIBRARY OF PRINCETON
OCT 27 1945
THEOLOGICAL SEMINARY

MYRIAM

1942
RIO DE JANEIRO
Caixa Postal 831

NIHIL OBSTAT
P. Frederico Didonet,
Censor Diocesano
Santa Maria, 21/5/1942.

IMPRIMATUR
† *Antonio Reis,*
Bispo de Santa Maria
Santa Maria, 22/5/1942.

Nota preliminar

Nos anos de 58 - 60, antes de embarcar para Roma, esteve o apóstolo Paulo preso na fortaleza romana de Cesaréia, à margem oriental do Mar Mediterrâneo.

Lucas, amigo e secretário do intrépido evangelizador, lhe fez, provavelmente, companhia nessa solidão, visitando tambem Jerusalem, distante de Cesaréia 102 quilômetros, dois a três dias de viagem.

Nesse tempo, vivia ainda em Jerusalem a mãe de Jesús, como tambem alguns dos apóstolos, entre eles João, o discípulo predileto do Mestre e filho adotivo da Virgem.

Não teria Lucas, o solícito e conciencioso historiador, aproveitado o ensejo para se encontrar com essas pessoas que, melhor do que ninguem, lhe podiam dar informações exatas sobre os grandes acontecimentos que marcam o início do Cristianismo?

As seguintes páginas se baseiam nesta suposição.

Digitized by the Internet Archive
in 2014

https://archive.org/details/myriam00rohd

Amigo desconhecido

Antes de iniciares a leitura destas páginas, fecha o volume e concentra os olhos e a alma na contemplação da figura estampada na capa.

De um segmento de globo brota, qual gracioso cálice em delgado pedúnculo, uma efígie de mulher, que vai crescendo rumo às alturas, parecendo quase destacar-se do hemisfério em que, de leve, pousam seus pés.

Na sua indumentária, nada há de solto ou flutuante; há tão somente a dureza austera duma túnica estilizada e dum manto estreitamente ajustado ao corpo, lembrando a imovel rigidez das múmias egípcias.

O talhe esguio, o porte gentil, o rosto afilado, as mãos postas, o olhar baixo, a cabeça coberta dum como elmo radiante — lá está a esbelta vestal, iluminada por uma luz noturna, suave, misteriosa, fosfórea, emanada não se sabe de que incognitas alturas...

E tudo isto diz: concentração, meditação, vida íntima, introspecção mística, supremo poten-

cial de espiritualidade — personificação duma alma cheia de graça, porque cheia de Deus...

E' nesta disposição, meu ignoto amigo, que deves beber o conteudo das páginas deste livro.

E, no início de cada capítulo, contempla de novo a figura da capa, e de novo concentra a tua alma nesse luminoso símbolo de intensa espiritualidade.

1. Myriam e Lucas

— Deus de salve, Myriam.

— Deus te salve, Lucas. Como vai nosso caríssimo irmão Paulo?

— Ainda preso em Cesaréia. Não se sabe até quando. Mesmo, à sombra do cárcere, não pensa mestre Paulo senão no Senhor Jesús. Só fala nele e escreve cartas às igrejas da Asia e da Europa.

— E tu, que fazes?

— Sou amigo e enfermeiro de Paulo. Ele tem estado muito mal. Chegou às portas da morte. Nunca teve saude, mas os trabalhos e sofrimentos do último tempo o extenuaram mais do que nunca. Nesta semana melhorou sensivelmente.

— Graças a Deus que ele tem um amigo dedicado como tu. E ainda médico e enfermeiro.

— Nas horas vagas, Myriam, recolho dados históricos para elaborar uma vida de Jesús, por ordem cronológica, guiando-me pelo que nos transmitiram os que desde o início foram teste-

munhas oculares dos fatos e ministros da palavra. Eu, infelizmente, não tive esta sorte. Nunca vi com os olhos corpóreos teu dileto filho, Myriam. Quando ele andava prégando por estas terras, vivia eu em Antioquia, ainda sepultado nas trevas da ignorância espiritual...

Lucas interrompeu a frase e, por uns momentos, baixou os olhos que para ocultar uma grande comoção ou umas lágrimas que, rebeldes, lhes subissem aos olhos.

Myriam tambem se conservou calada, compreendendo discretamente o que ia na alma desse grande amigo de seu Jesús. Depois de uns momentos de silêncio, disse com maternal suavidade na voz:

— Não viste meu filho, Lucas? Corporalmente, não; mas, estou certa, tu o vês com grande clarividência, todos os dias. Já me falaste nele, por ocasião da tua primeira visita. Melhor do que tu, talvez, nem mesmo João, sabe falar de meus Jesús. E eu mesma, que com ele vivi três decênios, que o via todos os dias, vejo-o mais nitidamente agora e melhor o compreendo do que naquele tempo.

— A propósito, Myriam, como dizia, estou colhendo dados históricos para escrever a vida de teu e nosso Jesús. Sabe-se, geralmente, o que ele

fez nos anos da sua vida pública. Bem o descreveram os irmãos Levi Mateus e João Marcos. Aquele nos disse tambem um pouco da infância de teu filho. Mas nenhum deles menciona o que precedeu esses acontecimentos. De ti, Myriam, quase nada disseram eles.

Myriam sorriu-se ligeiramente e respondeu:

— De mim, Lucas? não convem que se fale da serva quando se enaltece o Senhor. O maior prazer que me podes dar é celebrar o divino poder e a humana caridade de meu Jesús. Todo o bem que de meu filho disseres despertará écos de amor e delícia no meu coração de mãe. Minha vida é ele. Os anos que ainda vivo sobre a terra até que ele me chame, são anos aureolados de saudades. Anos amargos, porque não o contemplo com os olhos corpóreos — anos dulcíssimos, porque o vejo sempre com os olhos da alma. Eu estou com ele — e ele está comigo...

— E' verdade, Myriam, que Jesús é o centro da nossa vida, e será tambem o centro do livro que estou escrevendo. Mas... por amor a teu filho, me dirás algo daquilo que precedeu os fatos narrados por Leví Mateus, e outros por ele omitidos. Do que me disseres, escreverei apenas o que permitires. O resto ficará comigo, e comigo descerá ao túmulo.

— Narrar-te-ei, amigo Lucas, assim como a serva fala de seu Senhor, assim como a aurora preludia as glórias do sol meridiano. Volta aquí todas as vezes que Paulo puder prescindir da tua presença em Cesaréia. Contarás a ele, o prisioneiro de Jesús, o que eu te disser. Talvez que as minhas palavras lancem um raio de luz na sombra do seu cárcere e nos sofrimentos do seu coração.

*

* *

Despediu-se Lucas. Desceu a colina de Sion, em cujas rampas despontavam as primeiras flores da primavera do ano 59. Muito concentrado em si mesmo, atravessou as estreitas ruas de Jerusalem, e, fora da cidade, entrou na extensa álea de plátanos que ensombravam a estrada, até atingir a casa de Teócrito, seu amigo e conterrâneo, onde costumava hospedar-se.

2. O segredo dos dois

Quando, no dia seguinte, Lucas tornou a subir às alturas de Sion, encontrou Myriam no pequeno jardim da casa que habitava, à sombra dum caramanchão de trepadeiras, aberto para todos os lados; tinha a forma primitiva e simples de certas pérgolas que, hoje em dia, se veem frequentemente na Itália meridional: quatro estacas unidas por umas barras horizontais, cobertas do sorridente verdor de flexiveis baraços.

Estava Myriam ocupada com um trabalho de bordado, e, numa mesinha próxima, à esquerda, havia um rolo de pergaminho com vestígios de assíduo manuseio. De quando em quando, suspendia ela o trabalho manual e abria o rolo amarelo-cinzento, lia algumas frases, e tornava ao bordado, enquanto os lábios pareciam segredar palavras imperceptiveis, proferidas em silêncio para o próprio coração. De longe em longe, um como tênue sorriso enflorava-lhe os lábios.

O corpo de Myriam era de idade avançada, mas a sua alma não tinha idade. Continuava jovem como naquela manhã em que lhe aparecera o ce-

leste mensageiro e lhe dissera: "Eu te saudo, cheia de graça"... E essa eterna juventude de sua alma enchia de tão abundante claridade os olhos de Myriam que não valiam conter-lhe a luminosa plenitude, derramando-a perenemente sobre o seu semblante e sobre toda a sua pessoa. Por isso, dizia o povo que ela não envelhecia.

Estranho, inefavel, indescritivel era o suave enigma que aureolava a figura da Virgem. Todos sentiam esse mistério, e ninguem o sabia definir. "Cheia de graça — diziam alguns — O senhor está com Myriam... Ela é bendita entre as mulheres".

Quando ela avistou Lucas, à entrada do jardim, foi-lhe ao encontro e convidou-o a sentar-se na velha cadeira de junco, à sombra do caramanchão.

Adivinhava-se na fisionomia e atitude do recem-chegado que levara a noite toda em meditação, e vinha com a alma sequiosa, assim como exhausto viajor do deserto quando percebe a proximidade dum oasis e duma fonte...

Veio travar-se então, nessa manhã, entre Lucas e Myriam, aquele memoravel colóquio de que o médico antioqueno nos deixou no seu Evangelho um pequeno resumo.

Por que apenas um resumo, amigo Lucas? Myriam não quis que escrevesses tudo?... Ah!

é verdade... As violetas não gostam de aparecer... Preferem ficar ocultas por debaixo das verdes folhas, que teem forma de coração; preferem, invisiveis, encher a atmosfera com a suave fragrância dos seus aromas a aparecerem elas mesmas... São assim todas as Myrians e todas as Verônicas do mundo: querem cantar as glórias de Deus — mas não querem que os homens vejam os lábios que tais belezas proferem... Enxugam o rosto sangrento de todos os mártires do Gólgota — mas logo depois submergem na escuridão de eterno anonimato, levando impresso na tela do coração o semblante do *Ecce-homo*... Toda a verdadeira grandeza é anônima... Deus é o rei dos anônimos — e é por isso que os homens, incapazes de o definir, lhe dão tantos nomes, nomes cheios de vacuidade, nomes que nada dizem, porque Ele é indizivel, inefavel, inominavel, eternamente anônimo... Quanto mais o homem se aproxima da Divindade sem nome, tanto mais anônimo se torna ele mesmo e tanto mais anônimo é o bem que ele pratica — assim como uma pequenina onda que se confunde com a imensidade do oceano...

Foi por isso, Myriam, que tão pouco falaste, tu, que és a obra-prima da silenciosa Divindade? nem querias que Lucas nos dissesse o pouco que lhe disseste? Respeitamos o teu silêncio, e, em

vez das palavras que desconhecemos, inhalamos o perfume da tua humildade que conhecemos; e pelo pouco que de ti sabemos agradecemos o muito que ignoramos...

*

* *

Com os olhos fitos no horizonte, como que a recordar coisas longínquas, começou Myriam a narrar o que vira e ouvira, naquele dia primaveril em Nazaré.

— Estava eu sozinha em casa de meus falecidos pais. Era noiva de Joseph-ben-David, aquele bondoso e santo carpinteiro de Belem, do qual te falei em outra ocasião. Segundo as nossas leis e costumes, como sabes, Lucas, o noivado é matrimônio. Mas nós não habitavamos ainda sob o mesmo tecto.

Naquela manhã, antes do nascer do sol, estava eu lendo o livro do profeta Isaias, vate da minha predileção, porque ele fala do grande Messias como se o visse diante de si.

Myriam abriu o velho rolo de pergaminho e leu em voz alta:

"Rejubilem o deserto e o ermo — assim escreve o profeta — rejubile a estepe e floresça como um prado coberto de crocus! engalane-se da plenitude das flores e exulte cheio de júbilo

e prazer! venha a glória do Líbano, venha a magnificência do Carmelo e das planícies de Saron! Contemplarão a glória do Senhor e a magnificência de nosso Deus. Dizei aos pusilânimes: Sêde fortes, não temais! eis aí vem o nosso Deus! Sim, ele mesmo virá e nos salvará!... Então se abrirão os olhos dos cegos. Serão abertos os ouvidos dos surdos. Saltará como um veado o coxo. Exultará a língua do mudo. Em pleno deserto brotarão águas, e no ermo correrão arroios. Num lago se converterá o solo sedento. Em fontes cristalinas se transformará a terra exhausta... Virão os redentos do Senhor e entre júbilos subirão a Sion. Alegria sempiterna lhes cingirá a fronte. Fugirão a tristeza e os gemidos — alegria e exultação serão seus companheiros"... (1)

— Realmente — murmurou Lucas, comovido — com estas palavras descreve Isaias o advento do Emanuel.

— Quando eu estava abismada neste glorioso vaticínio — prosseguiu Myriam — vi diante de mim uma grande claridade. Não como a luz solar, que ainda não despontara; era uma luz de natureza indefinivel, infinitamente suave e espiritual. E do meio da claridade destacou-se alguem, cujo aspecto não me é possivel descrever; pois

(1) Encontram-se estas palavras em Isaias, 35, 1 ss.

não há na terra o que com ele se pareça. Enquanto eu contemplava, com estranheza e em silêncio, a luminosa aparição, começou ela a falar e disse-me: "Eu te saudo, ó cheia de graça... O Senhor é contigo... Bendita és tu entre as mulheres"...

A estas palavras converteu-se em temor a estranheza de minh'alma. Quem era esse alguem? e por que me saudava assim?... qual a razão desses elogios: o Senhor é contigo, bendita és tu entre as mulheres?... Nunca pessoa alguma me falara nesses termos.

Mas não tive ânimo para formular uma pergunta.

Enquanto eu refletia sobre a estranha saudação, continuou o luminoso alguem a falar, dizendo com voz firme e suave: "Não temas, Myriam, pois achaste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, a quem porás o nome de Jesús. Será grande e chamado filho do Altíssimo. Deus, o Senhor, lhe dará o trono de seu pai Daví. Reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim".

Em rápida sucessão feriram estas palavras os meus ouvidos e repercutiram em minh'alma. As que maior estranheza me causaram foram estas: "Conceberás e darás à luz um filho"...

— Por que, Myriam? então Joseph-ben-David não era teu legítimo esposo?

— Era, sim, meu esposo, Lucas. Mas... havia entre nós um segredo...

Myriam calou-se subitamente, como que indecisa, pousando os olhos no bordado sobre a mesinha do caramanchão. Estava o artístico trabalho plenamente delineado, mas ainda não todo pronto. Representada uma videira a subir pelo tronco duma árvore. Viam-se nitidamente, com forte relêvo, a flexivel trepadeira, as grandes folhas recortadas, as gavinhas espiraladas a prender-se nas pequenas saliências do robusto estípite, ao mesmo tempo que uns lindos cachos côr de púrpura e turquesa suspendiam aos raios solares a formosa abundância das suas uvas. Sem tirar os olhos do bordado, prosseguiu Myriam, lenta e pausadamente, como que medindo e sopesando palavra por palavra:

— Sim, havia entre nós um segredo... Desde menina, ouvia eu dentro de mim uma voz que dizia: Myriam, tu és só de Deus e de mais ninguem... Nem do melhor dos homens... Se fores toda de Deus, será Deus todo teu... Assim dizia a voz, que eu não compreendia plenamente. Prometi a essa voz não ser de ninguem senão só de Deus, para que Deus fosse todo meu.

Quando chegou o tempo em que minhas amigas de mocidade davam o seu *sim* às perguntas dos jovens que as escolhiam para companheiras

da sua vida, respondia eu *não* a todos os olhares de amor e a todas as palavras de ternura. Havia dentro de mim um mar imenso de dedicação, um paraiso de amor, uma imperiosa necessidade de derramar em algum outro ser a plenitude do coração que procurava transbordar do meu Eu e comunicar-se a algum Tu. E ainda que eu nada dissesse desse maravilhoso mundo do meu interior à procura dum outro mundo que o compreendesse e completasse, muitos jovens adivinhavam o que eu queria ocultar na escuridão do mais profundo segredo. O' Lucas! não consegue o semblante calar a linguagem da alma. A nenhum deles tratei com aspereza, porque todos os que de mim se aproximavam eram bons, honestos, bem intencionados. Pois, como podia eu ofender em alma alheia aquilo que em minha própria alma me era sagrado, quase divino? Reverenciava no amor dos outros o meu próprio amor, e via na sêde afetiva dos que me amavam a minha própria sêde, que, no fundo, procurava o que eles procuravam. Mas a voz do meu interior me acompanhava, qual anjo tutelar, suave e severa ao mesmo tempo, e não permitia que em *sim* se convertesse o *não* de minh'alma.

Minha família e meus parentes não me compreendiam mais. E não lhes levei a mal essa incompreensão; pois eu mesma não me compreen-

dia cabalmente. Só me compreendia aquela voz do alto: Se fores toda de Deus, será Deus todo teu...

Numa noite, supreendi-me banhada em pranto. E ao despertar ouvi outra vez, com grande clareza, aquela voz celeste, que me dizia: "Myriam, podes ser daquele que for o que tu és... Um homem todo de Deus pode ser teu, porque ambos sereis só de Deus."

Quando eu refletia sobre estas palavras da voz querida, vi em espírito duas linhas paralelas, dois traços de luz puríssima, como um par de raios solares a lançar-se para o horizonte, para alem das nuvens, para o infinito. Vinham do infinito, e demandavam o infinito, essas paralelas de luz. E não se impediam uma a outra, na sua luminosa trajetória rumo à Divindade. Ambas puras no ponto de partida, puras tambem no termo da grande jornada...

Um desses raios paralelos era eu. E o outro — quem seria?...

Myriam tomou entre as mãos o bastidor do bordado, em atitude vertical, de maneira que aparecia belamente o garboso tronco da árvore e em todo o esplendor a verdejante videira nele enlaçada. E prosseguiu com certa solenidade, sem tirar os olhos do bordado:

— Disse-me então a voz celeste: O homem que esta manhã te aparecer primeiro, caminho da

fonte, é de Deus, e tu podes ser dele sem deixares de ser toda de Deus...

Naquela manhã, caminho da fonte, onde eu ia todos os dias, encontrei-me com Joseph-ben-David. Não me é possivel descrever o que aconteceu neste momento. Uma luz divina nos fez compreender o incompreensivel. Porque, quem governa a nossa vida não somos nós, é um poder invisivel, é o Senhor dos mundos e dos homens.

Joseph era muito mais idoso que eu, muito mais. Conhecia o mundo, conhecia os homens, e, melhor de tudo, conhecia a Deus. E quem conhece a Deus vê em Deus todas as coisas da terra.

Quando vi Joseph-ben-David, o humilde carpinteiro, surgiu a meus olhos a visão duma árvore e uma videira a enlaçar a sua fragilidade na robustez dessa árvore.

Myriam sorriu-se e colocou diante de Lucas o lindo bordado, contemplou-o longamente, profundamente... Queria dizer alguma coisa, mas não a disse. Preferiu sepultar os seus pensamentos na noite do silêncio a expô-los ao dia da exteriorização.

Daí a pouco celebrámos os nossos esponsais — continuou Myriam, como que aliviada dum grande peso. — A minha família e parentela toleraram-no, embora estranhassem a minha reso-

lução, e consideraram-me menos indígna das ascendentes do nosso povo. O nosso segredo, porem, ficou entre nós dois. Aos olhos da sociedade era eu o que eram as minhas companheiras de mocidade, nos seus lares, felizes ou infelizes. Só Deus e nós dois sabiamos de tudo — não, só Deus sabia tudo. Uma coisa não sabiamos nós, nesse tempo, nem Joseph nem eu: a última razão de ser daquela voz celeste e o porquê desse encontro, caminho da fonte de Nazaré... Desse mistério só Deus sabia...

Joseph-ben-David era como que uma nuvem branca e impenetravel, à cuja sombra ia Javé realizar o maior prodígio de seu poder e amor, sem escandalizar a ignorância e os costumes dos homens. Era a nuvem benéfica que se interpunha entre os fulgores do sol divino e os humanos espectadores, para impedir que o excesso de celeste claridade cegasse a retina fragil dos profanos, incapazes de compreender tão grande prodígio...

Só assim podia o Verbo fazer-se carne e habitar entre nós sem que os homens desprezassem a serva do Senhor — pois o Verbo queria para si mesmo todo o desprezo, toda a tortura, todos os impropérios...

As obras de Deus são perfeitas...

*

* *

Quando Myriam deixou de falar, tinha os olhos tão cheios de luz, e o corpo inundado de tanta formosura que parecia uma jovem de vinte primaveras. A palidez do seu rosto e o alquebrado da sua velhice haviam cedido subitamente a uma aura de radiante juventude e uma sobrehumana beleza... O espírito parecia iluminar o corpo assim como uma luz acesa no interior dum cristal...

Lucas, o médico, profundamente emocionado, levantou-se, despediu-se em silêncio, e em silêncio desceu da colina de Sion...

3. O mistério da vida

Altas horas da noite...

Jerusalem dorme...

Por entre a semi-luz do tênue segmento da lua aparecem, imprecisamente, os contornos cúbicos das casas...

Dois homens, em vez de repousar, continuam insones, porque a sêde de seu espírito sobrepuja a necessidade do descanso orgânico.

A casa de Teócrito ficava fora da cidade, no fim da estrada dos plátanos, circundada de palmeiras.

Lucas, o médico, falara ao amigo da entrevista que tivera com Myriam e das coisas estranhas que ela lhe revelara.

— "Cheia de graça", que quer isto dizer? — perguntou Teócrito, cujo espírito filosófico costumava revolver problemas sem resolver um só. E daí lhe nascia essa dolorosa inquietação espiritual que se refletia no seu semblante. Para ele, pensar era sofrer. E tanto mais sofria quanto mais pensava; porque, em última análise, todo o humano pensar esbarra sempre num "ponto morto" —

onde começa a grande noite do espírito, o deserto sem oasis, um universo de perguntas sem ao menos uma estrela de solução... O ignorante ignora a sua própria ignorância, e é relativamente feliz. Mas, no dia e na hora em que o pobre mortal chega a conhecer a sua própria ignorância, desperta-lhe no íntimo uma sêde imensa de saber. E então se atira a uma vida de estudos e pesquisas, de investigações e lucubrações diurnas e noturnas, e, quanto mais ascende à montanha do saber, quanto mais vastos são os horizontes que seu espírito abrange na sua visão panorâmica — tanto mais se convence ele da sua própria ignorância e incapacidade. Pois, o muito que ele sabe, ou julga saber, é um nada em face daquilo que ignora. E a clarividente compreensão do universo do seu não-saber lhe converte em amargura o exíguo átomo do seu saber ou semi-saber. À ingênua felicidade do inciente sucede a genial infelicidade do ciente. A distância entre o nosso *poder* e o nosso *querer* é a bitola da nossa felicidade ou infelicidade. Os nossos desejos são os nossos carrascos.

Quem pouco pode pouco quer...

Quanto mais vasto o poder, tanto mais ousado o querer...

E, como o querer é ilimitado, e o poder é limitado, tanto mais infeliz é o homem quanto mais quer e quanto menos pode.

O poder intelectual é saber.

Por isso, saber é sofrer, porque o saber alarga ao infinito os horizontes do querer — e o poder esbarra por toda a parte com os limites do finito. Esse mundo que vai do querer ao poder será sempre uma dolorosa vacuidade, e nunca uma jubilosa plenitude...

Por isso, o homem de pensamento é, geralmente, taciturno — e do maior de todos os pensadores refere o Evangelho duas vezes um pranto, e nenhum sorriso...

Todos esses pensamentos tinha Teócrito revolvido com Lucas, nos últimos dias. Com o espírito revolucionado de inquietantes problemas metafísicos, afastara-se ele do bulício da capital e vivia na solidão do seu retiro, à sombra das palmeiras, não para gozar uma vida bucólica, mas para embriagar o espírito com o doce veneno de problemas que revolvia e não resolvia. Desde que Eva atendeu ao primeiro *porquê* que sobre a terra ecoou — "por que vos proibiu Deus?" — quer o homem saber o porquê de todas as coisas, e, podendo ser tranquilamente feliz comendo do fruto da árvore da vida, prefere ser intranquilamente infeliz estendendo a mão à árvore do conhecimento do bem e do mal...

— "Cheia de graça... cheia de graça" — repetia Teócrito à meia-voz. Que é a graça?...

— A graça — respondeu Lucas, pensativo — é uma vida da alma. Vida nova. Pela geração natural, pelo nascimento humano, recebe o homem a vida material; pelo renascimento divino recebe a alma a vida espiritual.

— Falaste com João, filho de Zebedeu?

— Falei, sim.

— Narrou-te ele o colóquio noturno que o Mestre teve com um doutor da lei?

— Narrou, sim, e estou justamente recordando pensamentos desse colóquio, a que João assistiu. O doutor da lei era Nicodemos, mestre em Israel, que, a horas mortas, foi procurar o Mestre para saber o que era necessário para entrar no reino de Deus. Respondeu-lhe o Nazareno que importava nascer de novo, receber uma vida nova, evidentemente diversa da que recebemos pela geração natural. Esta vem dos pais — aquela vem de Deus.

— Eu ouvi o mesmo João dizer aos amigos: A todos os que acolheram o Messias foi-lhes dado o poder de se tornarem filhos de Deus, nascendo não do sangue, nem do desejo da carne, nem do desejo do varão, mas, sim, de Deus.

— Pois é esta vida divina a que Myriam chama "graça".

— Palavra do arauto de Deus, não é?

— Sim, palavra do anjo. "Tu és cheia de

graça". Tu possues a plenitude dessa vida, que outros homens, tambem nascidos de Deus, possuem em menor abundância.

— E' estranho — filosofou Teócrito — com uma donzela começa a perdição e com uma donzela começa a salvação da humanidade. Eva, mãe de todos os viventes, como diz o Gênesis, veio tornar-se precursora da morte universal — e Myriam, que não quis ser mãe de nenhum vivente, afim de ser toda de Deus vivo, veio tornar-se a aurora da vida espiritual do gênero humano. Insondaveis desígnios de Deus!...

— E no início, tanto da perdição como da salvação — ponderou Lucas — está como conselheiro e inspirador um ser de outros mundos: um anjo das trevas, e um anjo da luz. Aquele, induzindo à desobediência a primeira virgem da lei antiga — este, levando à obediência a primeira virgem da nova aliança. Lá impera o orgulho — aquí prevalece a humildade. "Serás igual a Deus" — "eis aquí a serva do Senhor"...

— E porque devia ser cheia de graça a mãe do Messias? — perguntou Teócrito, contemplando a graciosa flabela duma palmeira, que mui de leve se movia ao sopro da brisa noturna. Houve longos momentos de silêncio, silêncio tão profundo que se percebia distintamente o ligeiro sussurro nas verdes folhas. Finalmente, disse Lucas:

— Aquele que era a vida, que vinha dar aos homens vida abundante, como diz mestre Paulo, não daria plenitude de vida divina àquela que lhe daria plenitude de vida humana? Seria digno dele, autor da vida divina, não prodigalizar essa vida, desde o início, e em abundância, à alma que mais íntimo contacto teria com sua humanidade, e até com sua divindade? Em Caná, quando deu vinho aos convivas, deu-o em grande abundância. Em Betsaida-Julias, quando deu pão aos famintos que lhe haviam escutado a palavra do reino, deu-lho com tão excessiva prodigalidade que, depois de todos fartos, ainda sobraram doze cestos de fragmentos. Aos mortos a que restituia a vida dava-lhes vida plena e perfeita. Aos cegos que curava iluminava-lhes a meia-noite da cegueira com o meio-dia duma visão perfeita e integral, e não apenas com a semi-luz dum crepúsculo matutino. As obras de Deus são sempre perfeitas, integrais, abundantes. Por isso, era digno e justo que a mãe do Redentor possuisse, desde o início, a plenitude de vida divina, como dizia o mensageiro de Deus.

— Plenitude de vida divina? — interveio Teócrito. — Só Deus mesmo possue essa vida. Nenhuma criatura a pode possuir. Como poderia o finito abranger o infinito?

— Só Deus a possue em plenitude infinita e por virtude própria, tens razão, meu amigo —

concordou Lucas. — Mas, um ser criado pode tambem participar dessa vida.

— Como? pode o infinito receber em si uma plenitude infinita?

— Não. A criatura não recebe a mesma abundância de vida que há em Deus, que não caberia em todos os seres criados. Mas pode uma criatura receber dessa vida parcela tão grande, quinhão tão notavel que lhe encha toda a capacidade e compreensão. E, uma vez atualizada toda a potência receptiva da alma, está essa alma cheia da vida divina da graça, e nada mais cabe na sua vasta receptividade, por mais distante que ela fique sempre da Divindade; pois a mais vasta potência criada não deixa nunca de ficar infinitamente abaixo da potência incriada, e nunca nenhuma plenitude humana atingirá a plenitude divina. Cheia de graça é uma alma que em tão alto grau possue a vida divina que lhe enche todas as latitudes, longitudes, profundidades e altitudes do ser.

*

* *

Já as estrelas da meia-noite cintilavam no empíreo sideral, quando Lucas e Teócrito resolveram conceder umas horas de repouso ao corpo e ao espírito.

4. Apoteose da luz

A manhã seguinte era de indizivel encanto e magia. Deve ter sido assim aquela alvorada virgem, quando o primeiro *fiat* da Onipotência criadora ecoou sobre as águas pre-históricas do cosmos.

Deixara de ser noite, mas ainda não era dia.

Andava no espaço um mundo de mistérios... Uma como que espectativa geral, uma interrogação tácita — lembrando o prelúdio de amor duma alma adolescente a oscilar entre esperanças e receios, entre hinos de júbilo e elegias fúnebres, entre o Te-Deum da vida e o De-profundis da agonia interior...

Ressoavam as folhas das plantas ao gotejar da água com que o sereno abundante da noite lavara a natureza...

Quando o sol estava para romper a linha do horizonte, saiu Lucas da casa do amigo Teócrito e encaminhou-se para Jerusalem, atravessando a alameda dos plátanos, que já começavam a projetar sobre a estrada as sombras dos seus troncos e das suas copas.

Por toda a parte, o júbilo da natureza ressuscitada.

A meio-caminho da estrada percebeu o solitário viandante uma voz de homem, firme, pura, sonora. E viu, encostado ao tronco duma árvore, um ancião com o rosto voltado para o oriente, imovel, como que extático, fitando em cheio o sol nascente. Ao lado dele, uma menina de tez bronzeada, olhos negros, cabelo côr da noite.

O homem monologava consigo mesmo, e, de quando em quando, alçando a voz, como que num ímpeto de entusiasmo ou de dor, dava às suas palavras cadências rítmicas, modulações melódicas cheias de beleza e poesia.

Lucas parou, acenou à menina morena e perguntou quem era esse homem.

— E' Eliud, meu tio — respondeu ela com uma expressão dolente e suave nos grandes olhos redondos. — Ele é cego há uns dez anos...

— Que faz ele aquí?

— Vamos à cidade pedir esmolas.

— E com quem está ele falando?

— Está falando com a luz. Muitas vezes, ao nascer do sol, titio faz isto. Ele gosta da luz, que não pode ver. E então diz umas coisas bonitas e queridas ao sol. Tem muitas saudades do sol, que ele via, e nunca mais verá. Os olhos de Eliud

são como a noite. Mas eu tenho bons olhos e vou com ele à cidade pedir esmolas...

— Enquanto a pálida menina dizia estas coisas dolorosas e olhava através dos longos cílios negros para o desconhecido interlocutor, ergueu o cego ambas as mãos ao sol invisivel, e, abrindo muito um par de órbitas em que habitava noite eterna, disse cantando:

— Eu te saudo, amigo querido da minha mocidade, companheiro dos meus folguedos, sócio dos meus trabalhos, testemunha dos meus amores e da minha grande escuridão... Tu és o grande benfeitor do universo... Ao calor dos teus ósculos abrem-se os lábios das pétalas assetinadas, cantam as aves a alvorada da sua felicidade, tremulam em todas gotas d'orvalho os primores do arco-iris... Ao teu sorriso matutino, ó doce luz do oriente, cria esperança nova o espírito desenganado; afluem ondas de vida às faces pálidas do noturno sofredor... Assás poderoso és tu, grande astro, para descrever a tua imensa trajetória em volta da nossa terra e equilibrar no vácuo o teu gigantesco volume — e assás delicado és tu, luminoso amigo, para acariciar maternalmente um botão de rosa a fazê-lo desabrochar em maravilhas de vida e beleza...

És tu que em paraisos de fertilidade transformas desertos áridos...

És tu que das profundezas duríssimas do diamante arrancas esse jogo de luzes multicores que deslumbram os olhos dos mortais...

És tu que no espaço recurvas a ponte etérea do arco-iris, símbolo da paz...

É a ti, amigo celeste, que as flores exalam o incenso dos seus perfumes...

É a ti que os habitantes dos mares prestam homenagem, quando sobem à tona do seu tenebroso abismo...

É a ti, ó luz do universo, que a lua e as estrelas cantam apoteoses nas suas altas atalaias...

É a ti que a via-láctea sorri na solitude das suas misteriosas fosforescências...

É a ti, invisivel amigo, que tambem eu rendo homenagem de amor, de saudades, de dor imensa...

A estas palavras tremia a voz do cantor e foi-se perdendo em soluços... E dois fios compridos brotaram das crateras extintas dos seus olhos, rolando, quentes e amargos, pelas faces ásperas do cego. Calou-se por instantes, deixou cair os braços, baixou a cabeça, e, juntando ambas as mãos sobre a ponta nodosa do inseparavel bastão, concentrou-se, como se a sua luminosa alma andasse longe daquele corpo sem luz...

Depois de longo silêncio e permanecendo na mesma atitude, disse, num como monologar íntimo e confidencial:

— A noite dos meus olhos ama os teus dias, ó luz solar... Nenhuma treva, nenhuma escuridão, por mais espessa e profunda, valerá extinguir em minh'alma o amor à tua doce claridade... Dizem os homens que eu sou um pobre cego, e, de fato, há um decênio que me circunda esta noite imensa. Mas eu não estou cego. Eu sou o maior dos videntes. O que os outros chegam a ver só depois que a morte lhes cerra as pálpebras corpóreas, isto contemplo eu, com inefavel claridade, desde que despontou no meio da minha noite material o firmamento estrelado desse cosmos espiritual. À medida que se me eclipsou a visão das coisas terrenas, nasceu e cresceu em minh'alma a clarividência do panorama divino. Esta criança empresta ao meu corpo decadente as pupilas do seu rosto, mas pela retina da minha visão interior se espraiam oceanos de luz por todas as latitudes e longitudes do meu ser...

Salve, ó luz solar que te foste!...

Salve, ó luz divina que nasceste!...

.....

Quando Lucas prosseguiu o seu caminho, agitava-se-lhe no espírito um turbilhão de pensamentos

Aquele cego lembrava os grandes vates de Israel...

E no meio desse fluxo e refluxo de idéias e sentimentos, dizia-lhe uma voz intima: Há no semblante desse homem algo daquilo que brilhava nos olhos de Myriam, quando ela falava do seu grande ideal. Uma luz estranha, incorpórea, visivel e invisivel ao mesmo tempo... Cheia de graça estava a alma da serva do Senhor, porque cheia de luz... Luz, luz! é o brado ingente da natureza... E não dizia o Mestre que ele era a luz do mundo? E não falava ele em luz ao narrar a parábola das dez virgens? Cinco delas estavam com a luz acesa, e cinco com a luz apagada. Aquelas foram admitidas ao banquete nupcial, e estas excluidas. Aquelas, sem a graça divina, jaziam nas trevas; estas, com a graça divina, eram iluminadas de grande claridade.

E não dizia o arauto celeste que a alma de Myriam, era iluminada pela plenitude da luz?... por uma luz meridiana?... pelos fulgores solares da graça?... Como poderia co-existir com essa pleni-luz divina a semi-luz ou a sem-luz das outras criaturas?... Ela, a aurora da "luz do mundo", não estaria repleta dessa mesma luz, antes mesmo que o sol divino despontasse no horizonte da história, à vista dos mortais?... não é que os excelsos píncaros das mais altas montanhas

apanham os fulgores solares muito antes que o grande astro apareça visivel nas planícies e nos abismos da terra?...

Onde dominava a plenitude da luz não podiam reinar as trevas, nem integral nem parcialmente... E sob a ação benéfica do sol divino desabrochou no jardim dessa alma uma prodigiosa floração de maravilhas espirituais...

Cheia de graça...

Cheia de vida...

Cheia de luz...

Que dizia Eliud? que era necessário perder a visão das grandezas do mundo para que na alma se lhe abrisse a faculdade visual do universo de Deus? Só uma alma cega para as coisas profanas possue bastante vidência para as realidades espirituais.

Os olhos de Myriam não haviam mister eclipsar-se na noite da cegueira corpórea, porque, de olhos abertos e perfeitos, bebia a sua alma oceanos de claridade divina. O que a visão material enxerga não passa duma sombra vaga e longinqua daquilo que o espírito contempla para alem de todos os horizontes dos sentidos e da razão...

Cheia de graça...

Cheia de vida...

Cheia de luz...

5. Servir — ou ser servido?

Ainda estava Lucas falando com Myriam, nas alturas de Sion, quando alguem vinha entrando pela porta aberta do jardim.

— Deus te salve, Myriam, Deus te salve!

— Ah! és tu, Eliud? Deus te salve! E a ti tambem, pequena Judite,

Levantara-se Myriam e colocou a mão direita sobre a negra cabeleira da menina com os grandes olhos redondos, enquanto com a outra mão amparava carinhosamente o cego, que com o seu comprido bastão tacteava pelo solo.

Sentaram-se os dois recem-chegados num velho banco de junco. Myriam foi buscar-lhes água para lavar as mãos e o rosto e serviu-lhes um refresco.

— São meus amigos de longa data — explicou ela ao médico — Eliud conheceu a Jesus, no tempo em que não era cego. Se fosse naquele tempo, o Mestre certamente o teria curado.

— Dizem que sou cego — disse Eliud — mas eu vejo o grande profeta de Nazaré melhor

agora do que naquele tempo, quando ele andava ensinando ao povo e fazendo milagres.

Myriam quis explicar alguma coisa a Lucas, mas este deu a entender que já conhecia o cego. Daí a pouco, depois de receberem uma dádiva generosa das mãos de Myriam, retiraram-se os dois, para continuar a sua fadigosa peregrinação de porta em porta.

— Quando eu soube pelo celeste arauto — disse ela — ser vontade de Deus que por meu intermédio entrasse o Salvador no mundo, respondi ao anjo: Eis aquí a serva do Senhor! faça-se em mim segundo a tua palavra. E logo ele desapareceu. E eu me via novamente só. Parecia voltar a mim das longínquas regiões do sonho, mas tinha plena certeza de que não fôra sonho. Começava o sol a inundar de suave claridade a terra, e tambem minha alma estava tão cheia de luz, que, de relance, compreendi muitas palavras de Daví, Isaias, Miquéas e de outros profetas, palavras que lera muitas vezes, mas que me pareciam obscuras.

Para mostrar que a Deus nada é impossivel, dissera-me ainda aquele anjo que tambem minha parenta Isabel, esposa do sacerdote Zacarias, teria um filho, não obstante a sua idade avançada e ser tida por estéril.

Vai visitar Isabel! dizia-me aquela voz amiga e íntima. Oferece-lhe os teus serviços... Ela precisa de ti, sobretudo nos próximos meses... Duplamente grande vai ser sua alegria de mãe quando gozar da tua presença e caridade...

Por isso, pus-me a caminho, rumo sul; pois Isabel morava nas montanhas da Judéia, para o oeste de Jerusalem. Eram diversos dias de viagem. Fui, sozinha, sem companhia alguma, porque tinha necessidade de completa solidão. Trazia a alma tão cheia de pensamentos novos e inauditos, que só diante de Deus conseguiria orientar-me nesse mundo incógnito de grandezas e mistérios. Parece que não vi nada em toda essa jornada. Foi uma unica meditação e oração. Eu era forte e resistente, com os meus 17 anos, e não me lembro de ter sentido fadiga, depois duma caminhada dum dia inteiro.

— E Joseph-ben-David nada sabia do ocorrido? — perguntou Lucas.

— Nada. Ele trabalhava em Belem, nesse tempo. Revolvia eu o pensamento de lhe dar parte do mistério de Deus, quando, pouco depois, em casa de Isabel, aconteceu coisa inesperada: Deus mesmo revelara à minha parenta o que comigo se passara. E porque não o revelaria tambem a meu noivo? Calei-me, pois, respeitando os designios do Altíssimo.

No momento em que cheguei à casa de Isabel, achava-se ausente seu esposo Zacarias. Ela estava sentada num banco, à sombra duma árvore do jardim. Assim que me avistou, correu ao meu encontro, abraçou-me efusivamente e, cheia de alegria, exclamou: Myriam! bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto de teu seio!... em que mereci que viesse visitar-me a mãe de meu Senhor?

Cheia de surpresa, perguntei como soubera do meu segredo; ao que ela me disse que o Espírito Santo lho revelara, neste momento, e que, à minha aproximação, lhe exultara no seio o filho nascituro. E acrescentou: Bem-aventurada que acreditaste que se cumprirá o que te foi dito pelo Senhor!

Myriam calou-se, imovel, com os olhos embebidos no horizonte longínquo. Um como véu tecido de lágrimas e de luz parecia cobrir-lhe as pupilas e humedecer-lhes as pálpebras. E novamente o seu semblante assumiu aquela expressão de radiante juventude que tivera, dias antes, ao falar de seu grande e doloroso ideal. Lucas, o fino psicólogo e delicado esteta, conservou-se calado e em aparente indiferença. Mas da sua alma emergiam mundos ignotos de conhecimentos inacessiveis à inteligência natural. Ante os seus olhos se definiam coisas indefiniveis. Muito mais conhece

o homem, em certos momentos, por intuição imediata do que pelos complicados meandros da dedução intelectual. Muito alem das balisas da razão conciente projeta a alma a sua visão inconciente... E Lucas era dotado duma extraordinária receptividade psíquica.

Depois de voltar a si dos mundos longínquos do passado, disse Myriam, com um quê de carinhoso entusiasmo na voz:

— Mal haviam essas palavras de Isabel atingido minh'alma, quando me senti toda inundada duma luz divina, e dos lábios me brotaram com espontânea fluência estas palavras, que até hoje conservo na memória:

Minha alma glorifica ao Senhor, e meu espírito rejubila em Deus, meu Salvador!

Lançou olhar benígno à sua humilde serva.

Eis que desde agora me chamarão bem-aventurada todas as gerações.

Grandes coisas me fez o poderoso — santo é o seu nome.

Vai de geração em geração a sua misericórdia sobre os que o temem.

Manifesta o poder do seu braço.

Aniquila os corações soberbos.

Derriba do trono os poderosos e exalta os humildes.

Sacia de bens os famintos e despede de mãos vazias os ricos.

Acolheu a Israel, seu servo, lembrado da sua misericórdia para com Abraão e seus descendentes para sempre, conforme prometera a nossos pais.

Lucas foi lançando estas palavras numa folha de papiro, à medida que brotavam, pausadamente, dos lábios de Myriam.

— Só um grande desejo — prosseguiu esta — vivia desde então na minha alma: Servir, servir, servir! Parecia-me que, reduzindo-me a serva e escrava de todos os homens, podia tornar-me, de algum modo, menos indígna das grandes coisas que me fizera o Senhor poderoso e santo. Eu, infinitamente devedora a Deus, queria tão fervorosamente servir a Deus na pessoa dos homens que ao menos a minha boa vontade valesse pela impossibilidade de solver o meu débito. Achava gosto imenso nessa servidão. Gosto, por ser para Deus. Como podia eu ser uma serva do Senhor se não fosse serva dos servos de Deus? como servir ao Criador se não servisse às suas criaturas? que necessidade tem a divina Onipotência dos serviços da humana impotência?... Eu não vira outra possibilidade de servir a Deus senão fazendo-me espontaneamente serva dos homens por amor dele. Assim, embora eternamente

insolvente, não me seria imputada essa insolvência, e Deus olharia benignamente para a extrema pequenez e insignificância de sua serva de boa vontade. "Eu não vim para ser servido, mas sim para servir" — diria, mais tarde, o meu Jesus, e era esta a minha disposição quando fui visitar a Isabel. Fiquei com ela três meses, atendendo a tudo que era possivel. Sabia que o filho dela seria precursor do meu, segundo os eternos desígnios de Deus. Só daí a trinta anos se encontrariam visivelmente nossos filhos que, nascituros, se haviam encontrado invisivelmente em casa de Isabel.

O' Lucas! como são misteriosos os caminhos de Deus! e quão ignorante é toda a nossa sabedoria!...

Quando nasceu o filho de Isabel, despedi-me e regressei para a minha querida solidão, às montanhas de Nazaré da Galiléia.

6. Hino de alvorada

Num daqueles dias encontrou-se Lucas, inesperadamente, com João, filho de Zebedeu. Acabava este de regressar de uma das suas excursões evangélicas pelas terras circunvizinhas.

Tornaram-se muito amigos o grande historiador do Filho do Homem e o exímio teólogo do Verbo Eterno.

João conhecia tudo aquilo que sua mãe adotiva dissera ao médico, e muito mais do que isto. Gênio introspectivo, águia das grandes excelsitudes, não consignou por escrito essas ocorrências, que aliás, eram conhecidas, nessa época, de quase todos os amigos do Nazareno. Apenas guardara por escrito alguns acontecimentos especiais, entre eles tambem as palavras inspiradas que Myriam proferira ao encontrar-se com Isabel. Ofereceu a Lucas alguns desses escritos, que o terceiro evangelista aproveitou, mais tarde, para a elaboração da sua encantadora narrativa.

— Myriam — disse João — só vive aqui corporalmente. Em espírito, ela está no mundo

invisivel de seu filho, nosso Senhor. Guardei as palavras do seu cântico, porque são o espelho de sua alma. Myriam só crê numa infinita grandeza e numa infinita pequenez: a grandeza é Deus, a pequenez é ela. Sobre estes dois polos gira toda a sua vida. Ia quase dizendo que ela não vive, mas é vivida por Deus. Passa os seus dias naquela casinha nas alturas de Sion, onde a encontraste; mas vive alí como num deserto — e, no entanto, esse deserto é o mais belo de todos os mundos. As suas relações sociais são poucas. Em vez de falar, prefere ler a lei e os profetas, meditar, orar. O mundo das idéias é o seu universo. É muito amiga daquele jardinzinho que circunda a casa; trata das flores e fala com elas como se fossem seres humanos. Ultimamente, uma das suas amizades, sabes qual é, Lucas? É um velho mendigo cego, por nome Eliud, e uma menina que o conduz.

— Vi os dois quando pediam esmola em casa de Myriam. Estranho, esse cego! Na estrada dos plátanos, escutei-lhe, um dia, um monólogo, uma apoteose à luz do sol, que ele não vê, e louvores a uma outra luz que lhe ilumina a noite da vida.

— Pois, esse homem é um sábio e um santo. Myriam gosta de conversar com ele. Gosta tam-

bem da pequena Judite, que é duma dedicação sem limites para com o tio cego. Myriam é toda alma, e simpatiza com pessoas de muita alma. De resto, Eliud foi muito amigo de Jesús.

— João, tu que conheces a alma de Myriam, queres explicar-me o sentido profundo das palavras que ela proferiu em casa de Isabel?

— Assim farei, se quiseres, Lucas. Myriam, quando fala das coisas de Deus, serve-se instintivamente da linguagem dos nossos grandes vates, pois vive nesse ambiente e leva a alma repleta dessas idéias. A assídua e diuturna meditação dos livros sacros do nosso povo identificaram o seu pensamento com o de Isaias, Davi, Daniel, Jeremias e outros profetas. Pois é da plenitude do coração que os lábios falam. O que, em presença de Isabel, lhe brotou dos lábios não foi senão um ligeiro transbordamento daquela plenitude espiritual que sempre lhe enche a alma. Disse o anjo que ela era "cheia de graça". Ora, quando um vaso fica mais que cheio, transborda necessariamente.

Nunca vi Myriam triste. A sua alegria é perene, íntima, profunda, silenciosa. E essa alegria interior a torna singularmente bela, dá-lhe uma como que indefectivel juventude. Parece que

a graça, a alegria e a beleza são, na essência, uma e a mesma coisa. (1)

O que Myriam quis dizer com as palavras "minha alma engrandece ao Senhor, e meu espírito rejubila em Deus meu Salvador", equivale a uma espontânea manifestação dessa sua perene alegria juvenil. Ela é uma verdadeira harpa de Sion; mesmo quando seus lábios calam, é sua alma tangida pelos dedos do divino Artista. Cantar as grandezas de Deus na obra da criação e as maravilhas da sua providência através da história da humaniadade e de Israel, foi sempre a maior alegria de Myriam. Nunca a vi descrente e pessimista, em face das maiores calamidades públicas, nem mesmo na profunda humilhação em que, presentemente, se encontra o nosso povo, dominado pelos vencedores pagãos. Ela nunca perdeu a fé na grande missão de Israel. Chegou a dizer-me, um dia, que o cacho de uva, só quando devidamente triturado, é que dava o precioso vinho. A uva, como sabes, Lucas, é o símbolo de Israel; pois o próprio Deus compara o nosso povo a uma videira plantada no meio dum jardim. Gigantesca videira de ouro se recurva sobre a entrada do

---

(1) De fato, em grego, a palavra "charis" significa ao mesmo tempo: graça, alegria e beleza. Tambem em português, a palavra "graça" tem o sentido de "dom gratuito de Deus" e certo genero de "formosura".

sancta sanctorum do nosso templo, simbolizando Israel e lembrando os planos divinos. Israel está sendo triturado no lagar do sofrimento, mas cumpriu a sua grande missão. Com a perspectiva do próximo advento do Messias, culminou a alegria de Myriam.

Quando ela fala da "humildade" ou "pequenez" da serva do Senhor, sei que entende isto em sentido literal, e dí-lo com absoluta sinceridade e convicção. E não dizia o divino Mestre: "Graças te dou, meu Pai, porque ocultaste estas coisas aos doutos e entendidos e as revelaste aos simples?" Deus não enche o que está cheio. Só enche o que está vazio. O vácuo do Eu atrai a plenitude de Deus. O homem não pode merecer a graça, precisamente por ser graça e de graça; mas pode preparar o caminho para essa divina plenitude, estabelecendo dentro de si o vácuo humano, eliminando da alma todos os elementos anti-divinos, hostis, contrários, incompativeis com o dom gratuito de Deus. Havia na alma de Myriam uma perfeita vacuidade do Eu, pela sincera humildade — e por isso podia ela receber a perfeita plenitude de Deus, pela infusão da graça super-abundante.

— E, apesar dessa grande e sincera humildade — ponderou Lucas, pensativo — a serva

do Senhor disse que seria chamada por todos os povos "bem-aventurada"...

— Foi o que ela disse. Mas por que a chamariam "bem-aventurada"? Porque "grandes coisas me fez aquele que é poderoso e santo". Não é ela a fonte dessas bem-aventuranças dos povos, nem delas é merecedora por virtude própria. O vácuo, depois de repleto, não tem o direito de se gloriar da sua plenitude; pois esta não lhe veio do interior, foi-lhe dada de fora. Não é imanente, é transcendente. Como poderia a noite orgulhar-se da claridade que o dia lhe trouxe, quando a claridade desceu das alturas do céu, e não brotou do seio da escuridão?... Lembro-me que, certa manhã, contemplando uma gota de orvalho ferida pelos raios solares e toda irisada de lindas cores, disse Myriam: "Esta gota sou eu". Habituado a seus profundos simbolismos, compreendi logo o que ela quis dizer: que todas as belezas espirituais lhe vinham de Deus, assim como todas as cores e cambiantes daquela gotinha dágua, incolor por natureza, teem como causa e origem a luz solar. Quem, como eu, conhece a linguagem alegórica de Myriam, encontra muitos pontos de contacto entre as parábolas do divino Mestre e a linguagem figurada de sua mãe.

— Conheço pessoas — disse Lucas — que da humildade tem outra idéia do que Myriam. Julgam que humildade consista na negação de toda e qualquer boa qualidade que, por ventura, em si descubram.

— Humildade é verdade — respondeu João — Humildade é afirmação da realidade. Se Deus, de fato, cumulou de virtudes naturais ou sobrenaturais uma criatura, não pode esta negar a sua riqueza sem faltar à verdade, e mesmo à lealdade para com o autor que nela produziu essa riqueza. Negar a realidade seria inverdade, cegueira e ingratidão, mas nunca humildade. Myriam estava intimamente convencida de que ela possuia maior abundância de perfeição do que outra alma qualquer; que estava cheia de graça; que era bendita entre todas as mulheres do mundo, a única entre milhões; que todos os povos do universo lhe cantariam louvores até à consumação dos séculos — mas não atribuiu a merecimento próprio, mas ao poder e à bondade de Deus, todas essas prerrogativas. Ao mais excelso cume da sua dignidade correspondia o mais profundo abismo da sua humildade. Na alma que conhece a Deus e conhece a si mesma, a humildade cresce na razão direta das perfeições que possue e recebe — pois, que possuimos nós que não tenhamos recebido? E, se o recebemos, como poderiamos glo-

riar-nos como se o não houvessemos recebido? Para um homem não ser humilde, Lucas, creio que deve ser ignorante ou desleal. O homem inteligente não pode deixar de ver que possue determinadas perfeições, maiores ou menore; e o homem leal não atribue a si o que é de outrem. A humildade de Myriam nascia dum fundo de inteligência e de lealdade.

— Refletiste, amigo João, sobre as belas palavras: "Manifesta o poder de seu braço. Aniquila os corações soberbos. Derriba do trono os poderosos e exalta os humildes. Sacia de bens os famintos e despede de mãos vazias os ricos"?

— São profundamente verdadeiras essas anti-teses — respondeu o filho de Zebedeu. — É que Deus tem outra bitola do que nós para aferir o valor das coisas. Para os homens é grande e valioso o que é materialmente importante: a força bruta, o dinheiro, o poder militar, o prestígio social — ao passo que diante de Deus só é grande o que espiritualmente puro, elevado, intenso. Quem teria esperado que Deus escolhesse para mãe do Redentor uma jovem pobre, desconhecida, sem valor aos olhos dos homens? De mais, a mais, que é Israel em comparação com o império romano? somos um povo pequeno, escravizado por uma nação poderosa e grande — e não é que Deus escolheu este povo para produzir o Messias?

Mais valem as humildes grandezas de Deus do que as grandiosas insignificâncias dos homens.

E porque não enviou Deus o Emanuel no tempo das glórias de Israel? no apogeu do seu prestígio político e militar? quando Davi e Salomão haviam elevado nosso povo ao fastígio do poder? quando a rainha do sul vinha prostrar-se aos pés de Salomão, e o Egito se ufanava da nossa aliança e amizade? Não!... era necessário que Israel tombasse do trono da sua glória e fosse reduzido a escabelo dos pés dos seus inimigos... Só então poderia o divino rebento brotar da raiz de Jessé... Amigo Lucas, os caminhos de Deus não são os caminhos dos homens. Toda a nossa sabedoria é ignorância diante dele. Não compreendemos a mente do Altíssimo. E, se todo o resto compreendessemos, ficariamos incompreendendo sempre o mais tenebroso capítulo da pedagogia de Deus: a necessidade do sofrimento e da humilhação para atingirmos o nosso verdadeiro destino... Neste ponto seremos sempre ignorantes e analfabetos, ainda que no mais sejamos doutores e mestres... O que Myriam disse naquelas palavras é uma síntese dessa dolorosa e incompreensivel filosofia do Deus poderoso e santo...

Imersos em profundo silêncio, meditavam os dois homens, o pescador da Galiléia e o médico de

Antioquia, sobre esse problema dos problemas, que nenhum pensador gentio valera solucionar... Por fim, disse Lucas:

— E Myriam sentia-se feliz em ser filha do povo de Israel: "Acolheu Israel, seu servo, lembrado da sua misericórdia, conforme prometera a nossos pais"...

— É verdade — concordou João. — Hebréia, não podia deixar de exultar com a verdadeira grandeza de seu povo, ainda que tão humilhado, aos olhos do mundo. Do seio de Israel brotaria a salvação desse mesmo império romano, que tão orgulhosamente nos oprimia. Patriotismo não é desprezo de outros povos por amor ao torrão natal; patriotismo genuino é amar e respeitar os sentimentos de outros povos no amor àquela gleba que acolheu o nosso berço. No prisma cristalino do verdadeiro patriotismo se reflete a luz de todos os amores pátrios.

Deus, fiel às suas promessas, escolheu Israel para tronco da flor divina que encantaria o mundo inteiro. Israel, embora humilhado e perseguido, é o povo mais benemérito da humanidade. E Myriam agradecia a Deus esse insigne privilégio...

7. Angústia de duas almas

Quando Lucas voltou a Cesaréia, já se engalanara de louçanias a natureza ressuscitada. Por toda a parte, o júbilo da primavera. Por toda parte, a ânsia de viver, de gozar, de amar...

Num recinto interno da fortaleza romana, encontrou ele mestre Paulo, com certa liberdade de movimentos, mas sempre preso entre aquelas muralhas sinistras. De asas ligadas, aquela águia do Cristianismo. Sem cessar, percorria o seu grande espírito as plagas da Ásia, as cidades da Europa, os arquipélagos do Mediterrâneo. Que seria feito dos seus saudosos neófitos em Corinto, Filipes, Efeso, Colosses, na Galácia? ficariam fiéis à liberdade do Evangelho — ou recairiam na escravidão do ritualismo mosáico?...

Narrou-lhe o médico tudo quanto ouvira dos lábios de Myriam, de João e Teócrito.

Paulo escutava, silencioso, a exposição do habil narrador, verdadeiro pintor de almas humanas. Amava sinceramente a esse Lucas, cuja largueza de vistas e liberdade de espírito harmonizavam com o gênio panorâmico do Tarsense, ainda

que a linguagem deste fosse mais dura, mais angulosa, que o estilo terso e quase clássico do escritor heleno-antioqueno; mais eriçadas de arestas eram as epístolas de Paulo, lembrando antes rudes blocos de granito do que bem lavradas estátuas de mármore, esses pensamentos que ele arrancava das divinas profundezas do Evangelho e jogava, virgens e amorfos, à alma do leitor.

Quando Lucas falava do Messias, do Verbo divino feito humana caridade, então assumiam os olhos de Paulo um brilho intenso, e a águia do seu espírito agitava as possantes asas, transpondo as muralhas da fortaleza, rompendo o espaço e proclamando até às mais longínquas paragens as glórias de seu Senhor e Mestre.

Quando Lucas falava de Myriam, era a alma de Paulo um lago plácido, em cuja serenidade se espelhava o sol e que nenhuma tempestade revolvia violentamente. Por demais cristocêntrico era esse homem secular para que interessá-lo pudesse vivamente o que ficava na periferia do Evangelho. Em nenhuma das suas 14 epístolas canta ele as glórias da mãe de Jesus. Essa delicada missão ficaria reservada ao seu secretário, traço de união entre Paulo e João, herdeiro da visão mundial daquele e da alma carinhosa deste.

*

* *

Numa daquelas tardes de maio, dirigiu-se Lucas à praia do mar, defronte aos lúgubres bastiões da fortaleza, e recordou os colóquios que nos últimos dias tivera com Myriam.

Haviam lhe abalado profundamente a alma sensivel as angústias que Myriam passara depois do regresso da casa de Isabel. Era chegado o tempo em que Joseph-ben-David, segundo a praxe vigente, devia levar para sua casa a jovem esposa, sob os auspícios do grande segredo que só eles e Deus conheciam.

Com surpresa verificou o silencioso carpinteiro de Belem que Myriam, daí a meses, ia ser mãe. Perplexo, retirou-se e passou longos dias e interminaveis noites a revolver na alma angustiantes perguntas sem resposta... Nunca se lhe aninhou no espírito a mais ligeira dúvida sobre a fidelidade e pureza de Myriam, conhecedor que era da solicitude com que a sua vestal guardava o fogo sagrado do seu grande idealismo. Mas... algo de inexplicavel se dera com ela...

Diante desse mundo de mistérios, resolveu Joseph silenciar e deixar o cenário, entregando sua esposa aos desígnios da Providência. Como podia ele, simples mortal, figurar como fator nessa constelação de realidades divinas?... Não seria ele uma nuvem a toldar o brilho das estrelas no fir-

mamento da Divindade?... não seria uma dissonância no meio dessa grande sinfonia?...

Voltaria à solidão da sua oficina e plantaria no meio do jardim de seu coração a florzinha roxa da saudade... Pensaria em Myriam toda a manhã ao primeiro sorriso da aurora, e toda a noite, ao derradeiro suspiro do ocaso... Saudaria de longe o seu branco lírio toda a vez que o anjo do amor virginal lhe roçasse a alma com a ponta da sua asa de neve... E sentir-se-ia feliz, dolorosamente feliz, com o pensamento de ser ela escolhida por Deus para uma missão de incomparavel grandeza e sublimidade...

Mais ainda que Joseph, incomparavelmente mais, sofria a alma de Myriam. Sofria por saber dos sofrimentos do homem que amava, e que podia amar em Deus com toda a dedicação da sua mocidade. Banhava de lágrimas a escuridão das noites tormentosas. De dia a dia, aguardava uma intervenção divina. Por que não revelaria o Espírito Santo a Joseph o que a Isabel revelara? Pudesse ela falar! pudesse contar ao bom amigo o aparecimento do anjo!... Mas aquela voz do íntimo estava a dizer-lhe que não lhe competia revelar os arcanos da Divindade. Aos olhos do mundo estava ela muito bem amparada, porque Joseph era legalmente seu esposo. Entretanto, mais que a opinião de milhares de homens lhe im-

portava a idéia que dela faria aquele silencioso operário de Belem, confidente único do seu segredo, protetor do fogo sagrado, que tambem era dele.

— Ah! — dizia Lucas de si para si, enquanto relembrava tudo isto — bem dizia mestre Paulo: Onde começa o amor principia o sofrimento. Quem não ama não sofre. Quem pouco ama pouco sofre. Quem muito ama muito sofre. Quando Saulo tombou às portas de Damasco e quando a visão do Nazareno lhe enchera de intensa luz a inteligência e de ardor imenso o coração, então ouviu ele uma voz que lhe dizia: "Eu te mostrarei quanto te cumpre sofrer por meu nome". Mal começara aquela epopéia de amor na vida de Paulo, e já principiava a tragédia dos seus martírios...

Myriam foi compreendendo aos poucos que a mãe da divina graça não podia deixar de ser a mãe das dores; que a presença do varão das dores, em seu seio, fazia dela a rainha dos mártires... De boa mente sofreria por si, se não fizesse sofrer o dileto amigo que Deus lhe dera. Sofrer é amargo — fazer sofrer a quem se ama é atroz...

*

* *

Numa daquelas manhãs, viu Myriam entrar pela porta do jardim, em Nazaré, um homem. Rapidamente enxugou as lágrimas e foi-lhe ao encontro. Era ele — Joseph! Pálida, perplexa, muda, apertou-lhe a mão e procurou com os olhos adivinhar-lhe os sentimentos do coração.

O carpinteiro vinha com a fisionomia serena e calma como as águas plácidas dum lago das montanhas. Mas o seu rosto era magro e muito mais pálido que de costume, denotando grande fadiga.

— Myriam — disse ele, tomando-a pela mão e fazendo-a sentar no banco a seu lado. — Há pouco, apareceu-me em sonho um anjo do Senhor e disse-me: Joseph-ben-David, não hesites em levar para casa Myriam, tua esposa; pois o que nela se gerou é do Espírito Santo; dará à luz um filho, a quem porás o nome de Jesús, porque salvará o seu povo dos pecados dele"...

Quando Myriam ouviu estas palavras, parecia despertar dum pesadelo sinistro. Uma onda de júbilo imenso fez lhe estremecer o corpo todo. Levantou-se, ergueu as mãos, e com os olhos cheios de luz fitos no céu, exclamou: "Deus, fonte de toda a bondade e pai de toda a consolação! Deus, que enxugas as lágrimas dos que choram e enches de alegria os corações acabrunhados! eu te dou infinitas graças porque revelaste a teu servo

Joseph os desígnios da tua sabedoria e encheste de luz a noite da minha angústia! Bendito sejas pelos séculos dos séculos!"...

Depois tomou a mão do esposo e beijou-a com grande respeito.

Ainda por largo tempo ficaram os dois sentados no banco do jardim, narrando o horror da sua angústia íntima e unindo os corações num hino de júbilo e de gratidão.

.....

Tudo isto evocava Lucas enquanto passeava pela praia solitária do mar, em Cesaréia.

E, quanto mais pensava mais se convencia de que vigora secreta relação entre o amor e o sofrimento; que Deus conduz pelas vias ásperas da dor as almas que mais caras lhe são. Não dissera o divino Mestre que ele devera sofrer tudo aquilo para assim entrar em sua glória?...

E o médico viu no sofrimento um anjo de Deus coberto de luto, mas com o sorriso da felicidade nos lábios e o fulgor da imortalidade nos olhos...

8. O sol da meia-noite

Já começavam os cachos das videiras a substituir pelo roxo o verde das suas bagas, quando apareceu em Cesaréia um homem de meia idade e tez morena. Tinha no semblante aquele quê de longínquo e espiritual que caracteriza, geralmente, a fisionomia de pessoas introspectivas e afeitas a assídua meditação.

Vinha taciturno, mas a sua presença era antes serena que melancólica.

Quando o recem-chegado se encontrou com Lucas, saudou-o à maneira dos galileus.

Pediram os dois permissão para visitar o preso Paulo de Tarso, o que lhes foi concedido sem dificuldade. A sentinela de plantão seguiu atentamente com os olhos a silhueta delgada do adventício, e murmurou: "Não me é desconhecido esse homem... Já o vi em Cafarnaum, com o nosso comandante..."

Longas horas decorreram...

Já vinham as penumbras do crepúsculo descendo sobre a cidade, quando os dois homens dei-

xaram a fortaleza e se encaminharam para uma casa situada no alto do extenso cerro que se desdobra no fundo de Cesária. Depois de frugal refeição, disse Lucas ao amigo:

— Era intenção minha voltar a Jerusalem por esses dias. Mas vejo que mestre Paulo necessita dos meus cuidados médicos. A sua saude precária ressente-se muito desses ares e da humidade do cárcere. Ainda bem que pode passar o dia no páteo interno da fortaleza.

Depois de algum tempo, acrescentou: — Estou escrevendo a vida do Senhor Jesús, e preciso de falar com Myriam sobre os primeiros tempos do nosso grande Mestre.

— O que eu sei desse período — respondeu João — não é muito. Myriam fala bem pouco da infância de Jesús, e menos ainda de si mesma. Eu, que pela vontade do Mestre agonizante sou filho adotivo dela, desejaria saber mais...

— Conheces as circunstâncias do nascimento de Jesús?

— Alguma coisa. Leví descreveu em nossa língua alguns episódios desse tempo. Outros, conheço-os por meio de Myriam...

— Conta-me o que sabes, João.

— Naquele tempo — explicou o filho de Zebedeu — moravam eles em Nazaré, da Galiléia. Myriam conhecia a fundo os livros sacros

do nosso povo. Não compreendo como, nessa idade juvenil, e no meio dos múltiplos trabalhos que lhe impunha a sua pobreza, não compreendo como achava tempo e lazer para esses estudos e meditações. Sabia ela tambem pelo profeta Miquéas que o Messias nasceria em Belem de Judá; pois assim está escrito: "Tu, Belem, na terra de Judá, não és de forma alguma a menor dentre as cidades principescas de Judá; porque de ti sairá o chefe que há de governar o meu povo Israel". Sabia ainda pelo anjo que seria ela a mãe do Salvador. Mas não sabia como harmonizar as coisas: como é que o Messias nasceria em Belem, quando ela, a mãe, residia em Nazaré.

De súbito, se espalhou pelo país a ingrata notícia de que o imperador pagão d'alem-mar mandara fazer o recenseamento da população de todos os domínios romanos. Sendo que a Judéia dependia da Síria, foi o governador dessa província encarregado do censo entre nosso povo.

Enorme era a indignação popular. Meus pais se lembravam de conflitos e cenas de sangue em Betsaida. Não tivesse Tibério Cesar reforçado por toda parte as guarnições militares, é certo que teria sido geral a revolução no país. Muito sofria o nosso povo com a vergonhosa situação de ter de servir a um soberano gentio — e agora, esse decreto que mandava contar os filhos de

Israel como carneiros de um rebanho de mistura com os pagãos, e isto com fins interesseiros e extorsões pecuniárias...

Pela lei, como sabes, Lucas, tinha cada chefe de família de apresentar-se na cidade de seus maiores afim de se inscrever nas listas do censo. Desceram, pois, Joseph e Myriam, de Nazaré da Galiléia e foram a Belem da Judéia, porque ambos eram oriundos da família real de Daví, que residira em Belem.

— Por que foi tambem Myriam a Belem? — perguntou Lucas. — A lei só atingia os chefes de família...

— Ela acompanhou o esposo, porque obedecia a uma voz interna e via nessa medida do governo romano um desígnio de Deus, uma inesperada solução das suas dúvidas. De mais a mais, creio que eles tinham intenção de residir em Belem, perto da capital, onde Joseph esperava poder exercer com maior vantagem a sua profissão de carpinteiro; pois eles eram pobres e tinham de ganhar com o suor do rosto o pão de cada dia. A viagem, de três ou quatro dias, deve ter sido um martírio para o casal, maxime para Myriam, que estava em vésperas de ser mãe. Entretanto, ela, apesar do seu aspecto físico pouco robusto, dispunha duma extraordinária resistên-

cia orgânica. É grande o poder do espírito sobre o corpo...

— Tenho disto inúmeros exemplos na minha vida de médico — confirmou Lucas. — Uma vontade forte supre, não raro, a fragilidade do corpo...

— Myriam — prosseguiu João — contava nesse tempo uns 18 anos. Corajosa, intrépida, ofereceu-se logo para acompanhar a Joseph, o qual, depois de alguma relutância, cedeu e levou-a em sua companhia em vez de buscá-la mais tarde. Myriam, quando orientada por aquela voz íntima, obedece sempre ao impulso divino e acha facil o mais dificil. Nunca vi tão absoluto domínio do espírito sobre a carne, como na pessoa dela. Toda a sua vida é, aliás, um único ato de obediência a essa voz do alto, à qual se entregou sem reserva. Por isso é que ela vive tão alegre e satisfeita e afirma que nunca teve uma hora de tristeza. E, no entanto, sabemos quanto sobreu e ainda sofre...

Estava-se em pleno inverno. Dificil encontrar pousada em Belem, que regorgitava de forasteiros vindos por causa do recenseamento. O grande *khan* (1) do norte já estava superlotado de peregrinos. Lugar teria havido algures, em Be-

(1) Khan — hospedaria.

lem, numa das hospedarias, mas não para uma pessoa como Myriam, em vésperas de dar à luz. Era indispensavel algum cubículo reservado ou um recanto mais discreto, fora da lufa-lufa profana do *khan*.

— Mas, diga-me, João, eles, oriundos de Belem, não tinham parentes nessa cidade?

João, antes de responder a essa pergunta, concentrou-se por uns momentos. Depois, como que obrigado a dizer o que quisera calar, disse, titubeante:

— Tinham, sim, mas... O pouco que sei é que esses parentes estavam de relações rotas com Joseph e Myriam...

— Por que?

— Porque não compreendiam as idéias da jovem. A maior glória de toda mulher hebréia fôra sempre a de ser mãe, afim de entrar, pela linha genealógica, em contacto com o futuro Messias. O maior castigo era ser estéril, impossibilitada de figurar entre as ascendentes do Redentor. Como podiam os parentes de Myriam compreender que uma jovem piedosa se excluisse voluntariamente do número desses ascendentes do Messias, fazendo voto de virgindade? e ainda ver nisto uma inspiração de Deus?... Esse Deus não podia ser o Deus de Israel, que dissera: "Crescei e multiplicai-vos"... que falara a nosso

pai Abraão: "Numerosos como as areias da praia e as estrelas do céu serão os teus filhos, e em tua descendência serão abençoados todos os povos"... Assim pensavam eles.

— Mas... ela não era esposa de Joseph?

— Isto, nos últimos tempos. Muitos sabiam da vontade de Myriam de não constituir família, e poucos sabiam dos seus esponsais com Joseph-ben-David. E tambem esta união estava sendo acremente incriminada por quase todos os parentes de Myriam. Porque casar com um homem que tinha de idade mais que o duplo dos anos dela? Não seria isto um simples disfarce para iludir a família sobre as suas verdadeiras intenções?... O certo é que Myriam e seu esposo passaram a ser desprezados ou, quando menos, ignorados pela parentela em Belem. Nem eles foram bater à porta das casas dos parentes, na certeza de que só receberiam negativas e injúrias.

Finalmente, não encontrando lugar decente nas estalagens e albergues de Belem, sairam da cidade e foram em demanda duma caverna, na qual costumavam as ovelhas e cabras abrigar-se em tempo de chuvas. Nela se instalaram provisoriamente. Se não era confortavel o asilo, tinha a vantagem de ser retirado e silencioso, conforme o desejo de Myriam, que mais vivia no céu que na terra. Ela, aliás, nunca teve pretensões. Tinha

grande facilidade em adaptar-se a todo e qualquer ambiente e estava sempre satisfeita com o que a sorte lhe deparasse. A sua grande e perene felicidade interior iluminava todas as trevas exteriores e suavizava todas as asperezas da vida. Eu, que, mais tarde, após a morte do Mestre, vivi longo tempo sob o mesmo tecto de minha mãe adotiva, nunca lhe ouvi a menor queixa, nem lhe percebi jamais um vestígio de descontentamento, por mais precárias que, às vezes, fossem as condições de vida e por mais revoltantes as injustiças da sociedade. Somos nômadas — disse-me ela, um dia. — Para que construir casas maciças? não basta então uma ligeira tenda à beira da estrada? amanhã seguiremos viagem... Para ela, viver não era gozar e nadar na abundância, não; viver era pensar, era amar, era crer num mundo futuro, era esperar um universo de grandes realidades. Ela, de fato, vivia toda nesse mundo invisivel, e por isso tolerava, serena e benevolamente, este mundo visivel. Não desprezava as coisas materiais; amava-as até certo ponto, como criaturas de Deus, mas com grande liberdade de espírito. Nunca foi mendiga. Nunca andou maltrapilha, andrajosa. Viste, Lucas, com que gosto e elegante simplicidade Myriam veste até hoje?

— Vi, e foi de grata surpresa para mim verificar o apurado senso estético da sua indumen-

tária, tão simples, como toda a sua atitude, os seus gestos, as suas palavras, e o próprio ambiente em que vive.

— Viste o jardim, a horta, as videiras, o lindo caramanchão? Pois é Myriam que cuida de tudo isto, e encontra grande prazer nesse trabalho. O divino Mestre aliás, herdou-lhe essas qualidades: apesar da sua grande e voluntária pobreza e do seu absoluto desapego das coisas terrenas, nunca foi mendigo nem jamais fez ostentação de imunda esqualidez.

— Estamos nos desviando do nosso assunto, João. Conta-me o fato central daquela noite de Belem.

— Pois foi naquela caverna desabrigada, à entrada de Belem, que nasceu Jesús. Myriam tomou o menino e com suas próprias mão o envolveu em faixas e colocou-o sobre as palhas secas dentro duma mangedoura de pedra. Havia pelas paredes da gruta diversas dessas mangedouras destinadas ao repasto dos animais. Prostrada ao pé desse berço primitivo, prestou Myriam silenciosa homenagem a seu filho; pois sabia que aquele serzinho inerme era o Messias, o Salvador do mundo, pelo qual suspirava a humanidade, havia longos séculos. Amor de mãe e reverência de criatura lutavam no coração dela.

— Dizes que Myriam, pessoalmente, prestou ao filhinho todos esses serviços? — perguntou o médico, com visivel estranheza, e sabia o porquê dessa estranheza.

— Ela mesma — respondeu João em tom firme — Myriam não estava sujeita às fraquezas naturais das outras parturientes, porque segundo leis divinas concebera e dera à luz seu filho, e assim não tinham as leis humanas poder sobre o seu organismo. Forte de alma, provou-se tambem forte de corpo, cercando o filhinho de todas solicitudes que aos recem-nascidos são, geralmente, dispensados por outras pessoas.

Acudiu tambem Joseph duma dependência lateral da caverna e adorou, comovido, o recem-nascido Redentor. Trabalhar, lutar, sofrer por Jesús e Myriam afigurava-se-lhe como a mais bela plenitude e única razão-de-ser da sua vida, daí por diante.

Era meia-noite passada, hora em que aumenta o frio nesta terra. Myriam amparava com ambas as mãos o corpinho da criança e, aconchegando o rosto ao do filhinho, o acalentava com o seu hálito.

— Assim nasceu ele... — murmurava Lucas, como que falando à sua própria alma. — Sem casa, sem berço, sem conforto... Nasceu assim

para mostrar aos homens o caminho da verdadeira grandeza, que está no desapego, na simplicidade, no sofrimento voluntário, por amor aos outros, por amor ao reino do céu dentro do homem... Sim, só assim é que o homem consegue sair da miséria do próprio Eu e entrar no paraiso de Deus...

O reino de Deus está dentro de nós...

9. A grandeza da pequenez

Na próxima noite tornaram a encontrar-se Lucas e João na mesma casa situada no alto do cerro, por detrás da cidade residencial do governador romano. Durante o dia todo estivera o médico antioqueno com Paulo, procurando com desvelada solicitude aliviar-lhe a fraqueza orgânica. Levara-lhe uma cestinha de tâmaras e provera-o do necessário para lhe tornar mais suportavel a prisão.

Longas horas haviam os dois conversado sobre o Messias, que nenhum deles vira em carne mortal, mas que ambos conheciam tão bem como se visivel o tivessem ante os olhos.

Nesse dia, não estivera João na fortaleza. Imperiosos deveres apostólicos haviam-no chamado para fora de Cesaréia.

Ao anoitecer, deixou Lucas o cárcere do amigo, porque a lei não permitia ficasse depois de sol posto. Cerravam-se as portas. Rendiam-se os guardas. Reforçavam-se as sentinelas. Redobrava de intensidade a vigilância dos senhores da Província.

Quando João regressou da sua longa excursão evangélica, já morrera nas águas plácidas do Mediterrâneo o último clarão do dia...

Terminada a refeição, sairam os dois até à muralha que a natureza interpôs entre o cerro e a planície. Não longe daí se erguia ao céu noturno a torre maciça que servia de vigilante atalaia à guarnição romana de Cesaréia.

Sentaram-se os dois sobre uma larga saliência do rochedo, e, com os olhos embebidos nas luzes mortiças da cidade lá embaixo, fizeram girar os seus pensamentos e suas palavras em torno daquilo que constituia a suprema razão-de-ser da sua vida — Jesús Cristo e a grandeza do seu reino...

Nunca o homem é tão belo e atraente como quando dominado por uma grande idéia, por um ideal sobrehumano. À luz do sobrehumano se torna o homem integralmente humano. Para a mulher, é natural ser religiosa — para o homem é *sobrenatural*. O homem, uma vez compenetrado do mundo espiritual, professa, geralmente, uma espiritualidade mais pura e menos antropomorfista do que a mulher. Sabe a mulher sublimar em religião a sua natural efetividade — mas o homem, empolgado pelo mistério do Infinito, imola na ara da espiritualidade todas as potências da sua natureza...

Aqueles dois homens, na flor da idade, dotados de preclara inteligência, tão diversos na sua origem e na sua educação, sintonizavam os seus pensamentos pela mesma onda divina do idealismo cristão. Nada mais queriam senão conhecer, amar e servir a Jesús e levar todos os homens a essa mesma felicidade.

*
* *

— Naquela noite — prosseguiu João, respondendo à pergunta do amigo — pastavam uns rebanhos nas planícies de Beth-Sahur, não longe de Belem. Os pastores vigiavam junto de seus rebanhos de ovelhas e de cabras, enquanto outros dormiam nas tendas armadas à beira da campina.

De súbito, estranha claridade iluminou o espaço noturno. Do meio duma nuvem destacou-se um ser de deslumbrante formosura. Espavoridos, fugiram os ingênuos pegureiros. O ser celeste, porem, lhes disse com voz suave e amiga: "Não temais; venho anunciar-cos uma grande alegria. É que hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Messias, o Salvador"...

Entreolharam-se os pastores, mudos de pasmo e tremendo de medo. O anjo, porem, prosseguiu, sereno e calmo:

— E isto vos servirá de sinal: achareis um menino envolto em faixas e deitado em uma mangedoura"...

E desapareceu.

Quando os pastores se dispunham a demandar a caverna indigitada pelo estranho mensageiro, ouviram umas vozes longínquas, e, erguendo os olhos ao céu estrelado, viram nas alturas uma infinidade de seres luminosos, rodeando ao que estivera diante deles, e dizendo: "Glória a Deus nas alturas, e na terra paz aos homens, alvo da sua benevolência!"...

Por uns momentos, quedaram-se os homens, estupefactos, imoveis, com os olhos fitos no céu. Quando os longínquos cantores se sumiram no espaço noturno, tinham os pegureiros a impressão de voltarem a si de outros mundos. "Foi um sonho", diziam uns, esfregando os olhos. "Vamos ver se esse menino existe — alvitravam outros. — Se existe mesmo, não foi sonho"...

À porfia deitaram a correr em direção à caverna, tão de todos conhecida. Ainda longe, viram-na ligeiramente iluminada. Devia arder nela uma lanterna. Retardando o passo, receosos como crianças, se aproximaram da entrada. Perceberam tênue vagido no meio de grande silêncio. No fundo, dois vultos ajoelhados sobre a pa-

lha, ao pé duma mangedoura, de costas voltadas para a entrada. Nisto se levanta um dos dois, homem de barbas grisalhas e ares de amigo. Convida os pastores a entrar. Levanta-se tambem a jovem, e, depois de dizer aos recem-chegados umas palavras à meia-voz, como quem receia perturbar a solene quietude dum santuário, tira a criancinha da mangedoura e mostra-lha de perto. E nesse instante, a luz suave da caverna parecia empalidecer de todo ao fulgor intenso que partia dos olhos do infante. Parecia luminoso, todo ele...

Contaram os pastores o que lhes dissera o anjo que tinham visto, e ouviram dos lábios de Myriam o grande prodígio que nessa gruta solitária se passava, ignorado do mundo e dos poderosos da terra.

Myriam gravou tão profundamente em sua alma todos esses acontecimentos e essas palavras, que até hoje, meio século após os fatos, ela os tem presentes como se tivessem ocorrido ontem.

*

* *

Quando João terminou a sua narrativa, soou, do alto da fortaleza romana, vibrante clangor de trombeta — a voz potente com que os orgulhosos Césares de Roma recordavam ao mundo o invicto poder das suas legiões de ferro...

E ao longe, muito ao longe, sobre as águas plácidas do mar, bruxoleava a luzinha dum barco de pescador, que deitava às águas a sua rêde...

E os dois homens, lá em cima, refletiam, silenciosos, sobre a fraqueza do humano poder e sobre a força da divina "fragilidade"...

10. Purificando um raio solar

Em fins de julho começou Paulo a sentir-se notavelmente melhor. Mais abundante era agora a luz que o sol do verão derramava no seu triste calabouço, mais tépida e seca a atmosfera que seus pulmões respiravam.

Resolveu Lucas empreender nova viagem a Jerusalem. Desejava ir em companhia de João, que se lhe tornara amigo querido; mas não sabia por onde andava esse infatigavel bandeirante do Evangelho. Havia mais de uma semana que não aparecia em Cesaréia. Por fim, precisamente na véspera da partida de Lucas, reapareceu o filho adotivo de Myriam.

No dia seguinte, depois de se despedirem do "prisioneiro de Cristo", partiram os dois, rumo a Jerusalem. Menos longa, menos exhaustiva pareceu ao médico a jornada desta vez do que anteriormente, quando sozinho palmilhava essa centena de quilômetros.

João narrou ao companheiro alguns episódios notaveis da sua última expedição evangélica.

Era irresistivel o poder do nome do Senhor Jesús. Onde quer que alma humana abrisse as portas à boa nova da redenção, começava a florescer vida nova, vida espiritual, e até vida orgânica. Pecadores inveterados nos seus vícios sentiam em si a força de viver uma vida de pureza e austeridade. Escravos do dinheiro distribuiam os seus haveres e começavam a acumular tesouros celestes. Caçadores de giórias profanas sentiam-se mais felizes entre desprezos e ludíbrios do que em face das platéias dos seus aduladores de outrora. Jovens e donzelas consagravam a Deus o vigor da sua mocidade. Até crianças compreendiam que com o advento do Messias despontara o reino de Deus sobre a terra. A própria Natureza obedecia ao Evangelho. Fugiam as molés-tias. Fugia a morte. Fugiam os demônios...

— Que vida era a nossa vida sem Jesús! — suspirou Lucas, com um olhar de gratidão ao céu.

— Vida sem vida, vida morta — acrescentou João. — Outrora, tinha eu medo da morte. Agora, a morte me parece o mais querido dos anjos de Deus„ anjo libertador, anjo que do exílio nos levará à pátria, do mundo para Deus. Gosto de viver para repartir com os homens a luz que ilumina o meu espírito e me torna feliz a vida. Eu era dicípulo de João Batista. Quando ele nos indigitou o profeta de Nazaré, dizendo que era o cor-

deiro de Deus que tirava o pecado do mundo, abandonei o mestre humano e fui em seguimento do Mestre divino. E João não mo levou a mal, alegrou-se intimamente, porque ele, como dizia, era apenas o paraninfo, mas Jesús era o esposo, e competia ao paraninfo apresentar os amigos ao esposo. Por causa desta palavra quis ainda mais bem a João do que antes. Ele era bom, humilde, desinteressado... Lembro-me do primeiro encontro com o divino Mestre como se fôra ontem. Foi naquele dia, às margens do Jordão... a hora divina...

Em companhia de André, irmão de Cefas, fiquei com o Nazareno o dia todo. Foi o dia do meu feliz destino... Desde então estavam as nossas almas unidas para sempre. Esqueci-me de todos os planos da minha mocidade...

Calou-se o discípulo predileto, relembrando com saudades aquele tempo...

Em silêncio subiram os dois viajores uma ladeira do caminho. Chegados ao alto, perguntou Lucas ao companheiro:

— Sabias tu, nesse tempo, de toda a tragédia que ia pôr termo à vida do Mestre?

— Gloriosa tragédia, essa!... Dela não sabia eu nesse tempo, Lucas. Sabia, pelos profetas, que o Messias seria o varão das dores. E nós,

seus discípulos e amigos, não podiamos esperar sorte melhor que a do mestre. Tivesse eu sabido nesse tempo o que mais tarde me contou Myriam...

— Que foi?

— Era ela, nesse tempo, a única alma que de tudo sabia. Desde que lhe apareceu o anjo, em Nazaré, começou a sofrer espiritualmente as dores de seu filho Redentor. Foi criando aquele corpinho infantil para vítima e holocausto da humanidade. Sabia que aquelas mãosinhas e pés de seu querido nenê seriam, um dia, transpassados de cravos; que naquela linda cabeça ia ser coroada de espinhos; que aquele organismo tão perfeito seria, mais tarde, dilacerado de açoites e cairia, exangue, no seu regaço ao pé da cruz...

— Como é que Myriam sabia disto?

— Sabia-o pela voz dos profetas, que, séculos antes, haviam descrito todos esses tormentos. Sabia-o por vozes divinas que lhe falavam na alma. Sabia-o pelos lábios do velho Simeão, no templo de Jerusalem.

— De Simeão? no templo?...

— Sim, Lucas, pelos lábios de Simeão, no templo. Segundo a lei de Moisés, devia todo o primogênito masculino ser consagrado a Deus, em grata recordação daquela noite em que o anjo exterminador matou os primogênitos dos egípcios

e poupou os do nosso povo, que nessa mesma noite saiu da terra da escravidão. O filho primogênito pertencia ao Senhor e a ele devia servir no templo. Mais tarde, foram os homens da tribu de Leví tomar o cargo dos primogênitos, enquanto estes eram oferecidos a Deus e logo depois resgatados por uma pequena importância. Serviriam ao Senhor, mas estavam dispensados de o servir, como os levitas, no templo.

Joseph, quarenta dias após o nascimento de Jesús, cumpriu essa prescrição legal.

Era lei tambem que, quarenta dias depois do nascimento dum filho varão, se apresentasse a mãe no templo afim de ser purificada e reintegrada na liturgia ritual, da qual a excluira o parto.

Apresentou-se Myriam ao sacerdote, que sobre ela proferiu as orações prescritas.

— Mas... como se pode purificar o que é puro?... não era Myriam cheia de graça?... bendita entre as mulheres?... não estava com ela o Senhor?... Será necessário lavar um raio solar?...

— Tens razão, Lucas. Mas esqueces-te do grande mistério. O mundo nada sabia dessa pureza. Para os homens e para os serventuários do culto, era Myriam como todas as outras mães de Israel, e como elas sujeita à lei.

— A exemplo do que, mais tarde, faria Jesús — disse Lucas — recebendo o batismo de penitência como se fosse igual aos homens pecadores.

— Perfeitamente. O homem puro não faz alarde da sua pureza. O impuro ou mal seguro da sua pureza interna aproveita todas as oportunidades para dizer e mostrar ao mundo que é puro. E, para dar maior realce ao fulgor das suas virtudes, costuma pintar com negras cores as faltas do próximo. O homem, na posse tranquila e serena da sua pureza interior pode tolerar sem protesto nem prejuizo que o mundo o considere impuro. Não necessita de apologia verbal quem traz na própria conciência o testemunho da sua justiça.

Foi nesta mesma ocasião, Lucas, que sobreveio um ancião ao qual fôra por Deus revelado que não morreria sem que primeiro visse o Salvador do mundo. Viu o menino Jesús, tomou-o nos braços e disse, satisfeito: "Agora, Senhor, despede em paz o teu servo, segundo a tua palavra, porque os meus olhos contemplaram o teu Salvador, que suscitaste ante a face de todos os povos; para os gentios uma luz iluminadora, para o teu povo Israel uma glória". Depois voltou-se para Myriam, que escutara atentamente estas palavras, e disse-lhe: "Eis que este é destinado para ruina e ressurreição de muitos em Israel, e para ser alvo de contradição — e tua alma será traspassada de

uma espada — para que se manifestem os pensamentos de muitos corações."

Essa espada já ameaçava a alma de Myriam desde o dia em que lhe apareceu o anjo, em Nazaré; e foi nos anos subsequentes caindo e penetrando cada vez mais profundamente no coração da mãe. Sofria ela com o pensamento de estar criando seu filho para vê-lo expirar vítima na ara do mais horroroso martírio — mas sofria amando e bendizendo a Deus, porque sabia que preludiava a redenção do gênero humano. Era uma suave amargura. Uma amarga suavidade. Eu conheço o espírito de Myriam...

— Quanto maior o amor, maior o sofrimento — murmurou o médico. — Quanto mais um corpo se aproxima da luz, maiores e mais densas são as sombras que projeta.

— Mas, ninguem sofre para sofrer — acrescentou João. — Sofremos para nos purificar, para eliminar as escórias das imperfeições. E os que são puros sofrem pela purificação dos impuros. A dor espiritualiza. Quanto mais o homem se aproxima de Deus tanto menos o horroriza o sofrimento. E quando submerge todo na luz da Divindade, aquí na terra, chega ao ponto de gozar o sofrimento e pedir a Deus que o não deixe viver um só dia sem o fogo do martírio, afim de se tornar menos indigno da infinita Pureza...

Por entre esses colóquios chegaram os dois viandantes a uma vasta planície coberta de lírios silvestres mais alvos que as neves do Líbano, banhados pelo ouro líquido de um sol tão belo como no dia em que pela vez primeira brilhou ao som do *fiat lux*...

Em silêncio atravessaram eles a imaculada alvura...

Quanto mais alto fala o coração, mais se calam os lábios...

11. Homenagens — e exílio

Havia mais de um ano que residiamos numa humilde casinha em Belem — prosseguiu Myriam, enquanto os seus dedos manejavam com destreza a agulha. — O pequeno Jesús era um raio solar. Joseph encontrara serviço suficiente para sustentar a pequena família.

Numa bela manhã, estacionou à entrada da nossa modesta vivenda deslumbrante caravana: três homens luxuosamente vestidos, com numeroso séquito e muitos camelos. Na certeza de que eles haviam errado o caminho, foi Joseph ter com eles para saber o que desejavam. Um deles falava uma língua inteligivel, ao passo que a dos outros nos era desconhecida. Responderam que buscavam o "rei dos judeus". Joseph apontou para a luxuosa residência de Herodes, no alto duma das colinas de Belem. Eles, porém, replicaram que, na capital, já haviam falado com o rei Herodes, que os mandara a Belem, porque, como diziam os sacerdotes, devia o Messias nascer na cidade de Daví, e deste acontecimento tiveram eles,

os reis, notícia por meio duma estrela que lhes aparecera, no oriente.

Quando Joseph e eu ouvimos isto, entreolhámo-nos, cheios de surpresa. E, de súbita, veio-me à mente um texto dos livros sacros do nosso povo, que falava em reis gentios e numa estrela que apareceria.

Lucas escutava com viva atenção e interesse a narração dramática de Myriam. Era um gosto ouví-la. Falava com tanta viveza e simplicidade como se naquele mesmo instante se estivessem passando os fatos. Suavemente coavam os raios do sol matutinos através do verde caramanchão, desenhando luminosos arabescos e áureos pratinhos sobre a mesa de trabalho de Myriam. O castanho-escuro dos seus cabelos de menina e moça, havia muito cedera a um tom de seda prateada, que, por vezes, com a incidência dos raios solares, se toucava duma fantástica auréola de ouro fluido.

— Donde vinham esses visitantes? — perguntou Lucas.

— Vinham das plagas orientais, de muito longe. Havia meses que estavam em viagem, à procura do Messias recem-nascido. Eram chefes de tribus que tinham conhecimento dos livros sagrados de Israel; pois o nosso povo foi diversas

vezes deportado ao cativeiro ao meio de povos gentios, e assim é que as nações pagãs conheciam a nossa grande e sagrada esperança.

Quando os soberanos viram o menino, prostraram-se de face em terra e lhe prestaram as suas homenagens, cheios de alegria e de comoção. Depois ofertaram-lhe grande quantidade de incenso, ouro e mirra, produto das suas terras. Para não lhes melindrarmos a generosidade, tivemos de aceitar esses presentes, que, mais tarde, mandamos ao templo de Jerusalem.

Passados poucos dias, resolveram eles voltar a Jerusalem e dar parte ao rei Herodes do feliz encontro do Messias. Mas eis que em sonhos lhes aparece um anjo e os proibe de voltar à capital, porque Herodes não queria adorar o menino, como dissera, porém, matá-lo.

— Matar? por que?...

— Porque a palavra "rei" o enchera de indignação. Pensava que Jesús fosse pretendente ao trono real da Judéia. Ignorava que o reino dele não era deste mundo; que não vinha para ser servido, mas para servir; não para matar, mas sim para ser morto afim de que os homens tivessem a vida. De nada disto sabia Herodes. Por isso, receando pela segurança de seu trono, resolveu eliminar do número dos vivos todo o homem que o pusesse em perigo.

Os três soberanos, depois de receber esse aviso, partiram sem demora e por outro caminho regressaram aos seus paises.

— E vós, de nada disto sabieis?

— De nada sabiamos. Na próxima noite, porém, recebeu tambem Joseph o mesmo aviso do céu, com a ordem de fugir in-continente para o Egito; porque Herodes descobrira que os três sábios do oriente o haviam enganado. Cheio de furor, baixou uma ordem crudelíssima: mandou matar, em Belem e arredores, todos os meninos de dois anos para baixo, na certeza de que um deles seria o meu Jesús. Mas, que podem os homens contra Deus? Quando começou a correr o sangue dos inocentes, já estavamos nós três longe de Belem, rumo à praia do mar.

— Como era possivel — estranhou Lucas — fugir assim tão depressa?

— Meu esposo — explicou Myriam — foi sempre homem de ação rápida e execução imediata. Os nossos haveres eram poucos. E mesmo desses poucos levámos apenas o absolutamente necessário para os primeiros tempos. Se Deus nos mandara fugir, é certo que não nos deixaria morrer de fome. Tinhamos o nosso velho jumento, no qual montei eu, levando o menino no colo, enquanto Joseph seguia a pé, conduzindo o ani-

mal e carregando os indispensaveis utensílios e algumas ferramentas.

— Estranho! — disse Lucas, meneando a cabeça. — Por que deixou Deus viver o rei Herodes? por que devem os inocentes fugir para que o culpado possa ficar? por que devem os bons sofrer para que os maus possam gozar?...

— É inutil, amigo Lucas, querer esquadrinhar os mistérios de Deus. Os caminhos do Senhor não são os caminhos dos homens. Em face da sabedoria do Altíssimo, todo o mortal é ignorante, por mais que julgue saber. É só resignar-se e obedecer em silêncio...

— Mas por que não podiam, ao menos, aqueles três soberanos do oriente levar-vos em sua companhia? não tinham eles camelos e todo o conforto?

Sorriu-se Myriam a esta pergunta, um tanto ingênua, do médico. Depois, com muita graça respondeu:

— Se nós fossemos conselheiros da Divindade, certamente lhe teriamos sugerido essa idéia, a olhos humanos tão razoavel e óbvia. Mas, assim não devia ser — e por isso assim não aconteceu.

Depois de diversos dias de marcha e de grande fadiga, atingimos a terra do Egito, onde os nossos maiores haviam vivido e sofrido tanto,

pela crueza dos faraós. Nas proximidades duma grande cidade alugámos uma pequena casa, e ainda no mesmo dia, enquanto eu dispunha o interior da modesta vivenda, foi Joseph fazer os melhoramentos indispensaveis. Feito isto, saiu à procura de serviço com que ganhar o pão de cada dia. Era carpinteiro, como sabes.

Os egípcios eram gentios. Adoravam deuses de carne e osso, bois e crocodilos, aves e outros animais e, sobretudo, o sol. Muitas das famílias nossas vizinhas iam todos os anos a On para adorar a Aton ou Ra, o deus-sol, (1) que nessa cidade tinha o mais célebre santuário. Não sabiam esses povos que o sol não era Deus, senão apenas um belo símbolo da Divindade; pois o que o sol é para a nossa terra isto é Deus para o nosso espírito: fonte de luz, calor, energia, vida, beleza, alegria. Eu tinha em casa o meu sol; o meu Jesús era o meu Aton; e nossa casinha paupérrima era mais bela que o templo de On, rodeado de obeliscos.

---

(1) A cidade egipcia a que Myriam se refere, chama-se nos documentos hieroglificos: *An, Anu,* ou *Anu-mhit.* A Biblia e os livros cópticos lhe chamam: *Un* ou *On.* Hoje em dia é conhecida pelo nome de *Heliópolis,* tradução daquelas palavras indígenas, que significam: luz, sol. Fica situada no baixo Egito. O deus-sol era *Aton* (*Atum, Tum*), tambem chamado *Ra.* O seu grandioso santuario em On estava circundado duma verdadeira floresta de obeliscos, simbolizando os raios solares.

— Deus te salve, Myriam, Deus te salve!...

Vinham da parte da rua estas palavras vibrantes. Momentos depois, entrava, guiado por uma menina morena, um cego, tateando com o tosco bastão ao longo do caminho do jardim.

— Deus te salve, Eliud! e a ti tambem, pequena Judite! — respondeu Myriam, e mandou que os dois se aproximassem. — Estás muito cansado, meu amigo? — perguntou solicitamente ao cego, enquanto os grandes olhos redondos da menina a fitavam em silêncio.

— Estou, sim, Myriam, cansado e com fome...

— Hoje me fareis companhia à mesa, Eliud e Judite — disse Myriam. — Lucas já foi convidado.

— Deus te recompense — respondeu o velho, agradecendo com um gesto vagaroso e solene o convite de sua amavel bemfeitora de muitos anos.

Myriam foi servir-lhes umas frutas e entreteve-se com eles. Judite conservava-se quase silenciosa. Nos seus grandes olhos côr da noite parecia viver um mundo de mistérios trágicos, que ela mesma não habia definir. Simpatizava com o velho tio, e com todos os sofredores, como se entre ela e esses infelizes vigorasse alguma secreta afinidade.

Enquanto os dois recem-chegados estavam sentados no banco do caramanchão, reatou Myriam o fio da sua narrativa, dizendo:

— Ficámos no Egito alguns anos. A nossa vida era pobre, mas feliz em Deus. E cada vez mais bela se foi tornando desde o dia em que o pequeno Jesús balbuciou as primeiras palavras, o nome de Deus e os nomes de seus pais. Quando aprendeu a andar, acompanhava-me ao jardim, à horta, e, mais tarde, saia com Joseph e passava horas inteiras na pequena oficina de carpintaria.

De improviso, tivemos ordem, por meio dum anjo, que em sonho apareceu a Joseph, para voltarmos à nossa terra, porque haviam morrido os que procuravam matar o menino. Sem demora, nos fizemos de partida, desta vez com grande alegria; pois que do exílio voltávamos à pátria. Jesús era forte e bem disposto. Pelo caminho, tomava quase sempre a dianteira. Nem o jumentinho em que eu montava podia com a agilidade do menino. Grande foi a alegria de Jesús ao avistar o mar na sua imensidade...

Ao chegarmos à fronteira da Judéia, tivemos notícias ingratas: reinava Arquelau, filho de Herodes, em lugar do pai dele, falecido. Joseph, sempre previdente, resolveu não voltar para Belem, mas ir em demanda das regiões setentrionais do

país. Fomos à pequena cidade de Nazaré, às montanhas da Judéia, onde eu tinha uma casinha entregue a meus parentes.

Ia essa solidão tornar-se o nosso céu na terra, porque lá viviríamos, os três, alguns decênios de trabalho tranquilo, de meditação e de profunda paz e harmonia com Deus e com os homens.

— Dize-me, Myriam — interveio Lucas — por que nada disse Leví, o apóstolo, da vida de Jesús em Nazaré? Omite, no seu livro, todo esse período e narra logo o vida pública do Messias...

— Desígnios de Deus, meu amigo, desígnios de Deus!... Queria Jesús, com o seu trabalho humilde e desconhecido, enobrecer o trabalho dos homens humildes. Antes de redimir o homem com a sua morte, queria redimí-lo com a sua vida. Sabes, Lucas, que o grande óbice à salvação do homem é o seu orgulho, a sua ambição, o desejo de elogios e aplausos. Aos olhos de Deus, porém, nada valem as grandezas materiais, mas tão somente as grandezas da alma — e estas não dependem das circunstâncias externas. Nossos primeiros pais quiseram ser iguais a Deus, desobedecendo-lhe orgulhosamente e pretendendo ser independentes — Jesús quis reconduzir os homens a Deus pelo caminho da obediência e da humildade. Obedecia a Deus até na pessoa dos homens, obedecia a Joseph e a mim; foi-nos voluntaria-

mente submisso durante todos esses longos anos de solidão e trabalho em Nazaré. Ensinou com o seu exemplo trinta anos o que, mais tarde, ensinaria com a palavra, durante três anos.

Serão salvos, pelas três horas de agonia de meu Jesús todos os homens que cumprirem o que ele disse nos três anos da sua vida pública e o que fez nos trinta anos da sua vida oculta...

Leví, silenciando esse período, simbolizou a vida oculta de Jesús.

Myriam abriu em silêncio o velho rolo de pergaminho que estava sobre a mesa e entregou-o a Lucas indigitando uma passagem do profeta Isaias, que o médico leu em voz alta:

"Eis aí meu servo, ao qual quero bem,
Meu eleito, no qual pus a minha complacência!
Sobre ele derramei o meu espírito, e anunciará
[aos povos o que é justo.
Não clamará nem fará alarde,
Nem se ouvirá a sua voz nas ruas.
Não quebrará a cana fendida,
Nem apagará a mecha fumegante,
Fará justiça conforme a verdade.
Não conhecerá cansaço nem fadiga, até que es-
[tabeleça a justiça sobre a terra.
Por sua doutrina anseiam as nações...

Assim diz o Senhor: "Eu, o Senhor, é que te
[chamei com amor.
Tomei-te pela mão e protegí-te.
Tornei-te medianeiro da aliança para o povo,
Fiz-te a luz dos gentios,
Para abrires os olhos aos cegos,
Libertares da prisão os presos,
Do cárcere aos que jazem nas trevas" (Is. 42, 1 ss).

12. Lampejos do alem

Nesse dia, em que o velho Eliud e a pequena Judite eram comensais de Myriam, foi tambem Lucas convidado para a frugal refeição em casa da mãe de Jesús.

O cego contava quase 70 anos de idade. Se o Nazareno ainda vivesse, nesse ano 59, teria o velho *fellah* da Judéia 11 anos mais do que o filho de Myriam.

Depois do repasto, que foi servido à sombra do caramanchão, começou Eliud a contar o seu primeiro encontro com Jesús. A cegueira corpórea do último decênio parecia haver lhe chamado das penumbras do sub-conciente para a luz meridiana do conciente ocorrências remotas, semidelidas reminiscências da sua mocidade. E tão nítidos surgiram-lhe os acontecimentos aos olhos do espírito que pareciam realizadas na véspera.

— Lembras-te, Myriam — começou ele, voltando as órbitas extintas em direção à interpelada e erguendo muito o rosto como que à procura dum raio de luz. — Lembras-te daquela festa de

Páscoa, em Jerusalem, quando Jesús ficou no templo, sem que tu e Joseph o soubesseis?

— Se me lembro, Eliud... Foram dias de indizivel angústia...

— Tinha o teu Jesús uns 12 anos, creio. Eu tinha entre 23 e 24. Rabi Gamaliel, neto do grande Hillel (1), me instruira na lei de Moisés. Era eu assíduo frequentador do templo de Javé e passava longas horas aos pés da Gamaliel com alguns companheiros meus, porque dos seus lábios fluiam torrentes de divina sabedoria.

Um dia, depois das solenidades pascais, estavam Gamaliel e outros rabis reunidos numa das salas laterais do templo discorrendo sobre a lei e os profetas. Eu e alguns amigos meus tinhamos permissão para assistir a esse senado religioso.

De súbito, entrou no recinto um menino e pediu licença a Gamaliel para ouvir as dissertações dos mestres. Muitos dos rabis se opuseram a essa pretensão, porque era contra a praxe admitir crianças nessas reuniões. Não fosse rabi Gamaliel e é certo que o menino teria ordem de abandonar a sala. Gamaliel era não só a sabedoria,

---

(1) *Hillel* — fundador e patrono da celebre escola teologica de seu nome, foi um dos maiores mestres espirituais de Israel, insigne pela sua sabedoria, prudencia e bondade. E' tradição hebraica e cristã que Gamaliel, mestre de Paulo de Tarso, era neto de Hillel. Segundo uma lenda antiga, se teria Gamaliel convertido ao Cristianismo.

mas tambem a bondade em pessoa. Permitiu ao pequeno intruso que ficasse, e até lhe indicou um assento perto do seu.

Depois deste ligeiro incidente, prosseguiu, animada, a discussão. Explicavam os nossos doutores o livro do profeta Isaias, honra e glória do nosso povo. Não concordavam as suas opiniões sobre o sentido do *ebed Yahveh* (2) de que falava o grande vidente. Diziam uns que era Israel, alvitravam outros que fosse o Messias vindouro. Ninguem parecia já lembrar-se da presença do menino, que seguia com vivo interesse o curso da dissertação. Eu nunca vira essa criança e nada sabia a seu respeito. Mas havia em seu semblante algo de estranho, de luminoso, de divino quase. Estive longo tempo com os olhos fitos nele, e esqueci-me por completo do assunto versado pelos sábios anciãos.

A certa altura, quando a discussão atingira o máximo de calor e entre os mestres se haviam formado dois partidos, que se degladiavam em verdadeiro duelo intelectual sobre o controvertido texto do grande profeta — levantou-se o menino

---

(2) *Ebed Yahveh,* isto é, "servo de Deus" é a expressão hebraica usada por Isaias para designar, diretamente, Israel, fiel a Deus, e, indiretamente, o Messias, o mais perfeito cumpridor da vontade de Deus. Em face desta dualidade de sentido, é compreensivel a divergencia das opiniões dos interpretes.

desconhecido e, com muito respeito e encantadora simplicidade, pediu permissão a Gamaliel para dizer algumas palavras.

Fez-se repentino silêncio na sala. Todos os olhos fitos no menino, que avançou uns passos ao meio do recinto, colocou a mão sobre o sagrado volume e começou a falar, com voz calma, firme, serena...

O' Myriam!... ó Lucas!... que momento divino aquele!...

Eliud cobriu o rosto com as mãos, e através dos dedos mirrados saltavam tão abundantes lágrimas como se as crateras noturnas das suas órbitas extintas se houvessem subitamente transformado em cataratas inesgotaveis... Comunicou-se a todos os presentes a grande comoção do cego narrador. Pois não é a palavra que comove a alma, é a própria alma, e a alma de Eliud era um mundo sacudido de veemente terremoto... De alma para alma é que vai esse invisivel fluido que empolga, arrebata e lança o espírito de um a outro horizonte, desde a mais profunda das profundidades até à mais excelsa das excelsitudes. A palavra é apenas fragil veículo dessa força titânica da alma, que muitas vezes fala melhor pelo silêncio do que pela voz...

Houve longos momentos de silêncio no verde caramanchão de Myriam. Por fim, prosseguiu Eliud:

— Quando aquele menino de 12 anos abriu os lábios, era como se o sol do meio-dia despontasse em plena meia-noite. Não me lembro de nenhuma das gloriosas palavras que proferiu. Sei apenas que ante os olhos do meu espírito havia uma imensa epopéia de luzes e fulgores, um faiscar de centelhas e lampejos de outros mundos... Vi descortinar-se diante de mim horizontes de infinita amplitude... E este mundo que habitamos fugia como uma sombra longínqua, vaga, quase irreal... Eu vi o universo das coisas espirituais como a única realidade, como a grande, a imensa, a realíssima realidade... O que aquele menino disse sobre as visões de Isaias era o reino de Deus, de que ele falaria mais tarde, reino que está no mundo, mas não é deste mundo... O reino da justiça e da paz... O reino da verdade e da vida... O reino do amor e da graça... O reino da luz eterna e da beatitude infinita...

Quando os rabis do templo se sentiram envoltos nessa atmosfera divina, terminaram de chofre todas as discussões, assim como caem os nevoeiros ante a vitoriosa ofensiva do sol matutino. Começaram a fazer perguntas à criança, as melhores e mais sensatas perguntas que já fizeram

em dias de sua vida. Abandonaram a letra mortífera e abraçaram o espírito vivificante. E ele, o menino, dava respostas que eclipsavam toda a sabedoria de Gamaliel, de Hillel, de Chammai, e de todos os outros mestres de Israel. E dizia tudo aquilo com tanta graça e leveza, com tão espontânea naturalidade como se fosse a coisa mais evidente no céu e na terra. Nem parecia pensar. Brotavam-lhe as palavras dos lábios assim como as águas rompem das profundezas da terra.

Desse dia em diante — continuou Eliud, baixando a voz e dando às suas palavras uma inflexão solene e íntima — deixou o mundo de existir para mim... Quem viu os mundos que eu vi, através das palavras da criança, só pode viver para esses mundos de Deus, e só tolera a vida presente como jornada em demanda desse universo de luz e de vida... Quando ele falou do "reino de seu Pai", nasceu-me na alma o desejo ardente de entrar nesse reino e anunciá-lo a todos os povos.

Mas... oh decepção imensa!... Ele não foi proclamar esse reino da verdade, da justiça, do amor... Apagaram-se os sois daquela hora... Extinguiram-se todos os farois da praia... Escureceram todas as estrelas do firmamento... Esse menino, que trazia o reino de Deus dentro da alma, que podia iluminar todas as trevas do mundo e apagar todos os infernos que os homens

acenderam — que fez ele?... Desapareceu na obscuridade... Ele, o único sábio entre ignorantes, o único vidente no meio de cegos, foi empunhar ferramenta de carpinteiro, como que esquecido da sua grande missão... Daquela vez, eu o perdi de vista. E a noite que sobre minh'alma baixou foi muito mais lúgubre do que esta que, mais tarde, invadiu as minhas pupilas corpóreas... Lembro-me apenas, Myriam, que tu e teu esposo assomastes, de improviso, à entrada da sala do templo e chamastes o filho, porque havia três dias que andaveis à procura dele, cheios de aflição. Filho, lhe disseste, porque nos fizeste isto? eis que teu pai e eu, aflitos, te procuravamos... E ele, sereno e calmo como sempre, respondeu: Por que me procuraveis? então não sabieis que devia estar na casa de meu Pai?...

— Eu — disse Myriam — daquela vez, não atinei com o sentido profundo destas palavras de Jesús.

— E tambem, quem as poderia compreender? — exclamou Eliud. — Como compreender que um menino de 12 anos deva ser mais da humanidade que da família? mais redentor que filho? mais do Pai celeste que dos pais terrestres? mais vítima de expiação que objeto de carinhos maternos?...

— Aqueles três dias — suspirou Myriam — foram para nós dias de indizivel angústia. Sabiamos que o nosso Jesús era filho obediente e dedicado, mas ignoravamos por que razões no-lo teria Deus tirado. Não eramos dígnos dele?... não lhe compreendiamos a grande missão?... E não correria perigo a sua vida? não teria o sucessor de Herodes descoberto a nossa fuga para o Egito e identificado o suposto pretendente ao trono da Judéia?...

— Eu — disse Eliud, sem atender a essas perguntas — quase te quis mal, desde esse dia, Myriam. Filho assim não era para uma família, era para o mundo todo. Só ele podia libertar-nos da vergonhosa escravidão em que gemiamos. Só ele podia restabelecer o esplendor do antigo reino de Israel, o reino de nosso pai Daví, do grande Salomão... Assim pensava eu nesse tempo.

E tu o levaste contigo... E ele desapareceu dos meus olhos... Tambem, que me interessava um carpinteiro?... Muito mais espessa que antes desses lampejos divinos no templo, se tornou a noite do meu espírito, depois desse meio-dia convertido em súbita meia-noite...

Voltei aos meus afazeres profanos, sem gosto, sem interesse... As palavras de rabi Gamaliel me deixavam indiferente, frio, apático... Tudo me era insípido, fastidioso, insuportavel...

Calou-se Eliud por algum tempo...

Fez-se grande silêncio sob o verde caramanchão da casa de Myriam...

Os grandes olhos redondos de Judite nadavam em lágrimas...

— Quase dois decênios — prosseguiu, finalmente, o ancião — vivi nessa desolação interior — quando, certa manhã, mestre João indigitou um transeunte dizendo: Eis aí o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo! É ele o Messias, que antes de mim existia!...

Reconheci naquele homem de 30 anos, às margens do Jordão, o menino de 12 anos, no templo de Jerusalem. Mas... os tempos estavam mudados, e mudado estava o meu coração... De tanto sofrer e sofrer, quase nada ficara da escória do meu egoismo antigo, da minha ambição, das minhas esperanças profanas... Lá se foram todos os meus ídolos e fetiches consumidos pelo incêndio dos meus martírios interiores... Já não esperava do Nazareno libertação do jugo estrangeiro, porque outro jugo, muito mais pesado e ignominioso, pesava sobre nosso povo e sobre cada um de nós... João, nosso grande mestre, havia libertado o meu espírito da funesta obsessão política. Sabia eu que o Messias vinha romper as algemas do pecado, da tirania da matéria, da escra-

vidão do orgulho, dos sentidos, da injustiça, da mentira, do amor-próprio... Sabia eu que o seu reino não era deste mundo... Sabia que o reino de Deus estava dentro do homem...

Segui o Nazareno... Segui-o até ao Gólgota... Segui-o até o dia em que uma nuvem luminosa o ocultou aos nossos olhos, nas alturas celestes... E segui-lo-ei através da escuridão da minha vida de cego, porque a luz do seu espírito ilumina a noite do meu sofrimento...

.....

Quando Eliud, de olhos extintos, guiado pelos grandes olhos negros de Judite, se retirou da casa de Myriam, pairava no espaço uma tão grande paz e harmonia, que parecia impossivel haver ainda sobre a face da terra um vestígio de ódio, de inimizade ou desharmonia...

13. Afinidades espirituais

Num dos próximos dias, em casa de Teócrito, foi Lucas surpreendido pela grata notícia de que chegara seu amigo João. Desde o seu regresso de Cesaréia, não mais aparecera em Jerusalem.

Nessa mesma noite, disse o médico antioqueno ao filho adotivo de Myriam:

— João, tenho pensado muito na atitude de Jesús em face de sua família, e, sobretudo, com sua mãe. E, quanto mais penso, menos compreendo. O que Teócrito me disse é por demais estranho para ser crido. Mais de uma vez quis perguntar a Myriam; mas... o assunto me parece delicado...

— Qual a tua dúvida, amigo Lucas?

— Toda vez que Leví Mateus fala das relações de Jesús com sua mãe e pessoas da parentela, tenho a impressão de frieza e indiferença. Tu mesmo, João, me contaste o que aconteceu nas bodas de Caná, e debaixo da cruz. No reencontro de Jesús com seus pais, aos 12 anos, ouvimos dos seus lábios palavras como estas:

"Por que me procuraveis? não sabieis que devia estar em casa de meu Pai?" E, quando, mais tarde, alguem lhe disse que sua mãe e seus irmãos desejavam falar com ele, respondeu Jesús: "Quem é minha mãe? e quem são meus irmãos? quem ouve a minha palavra e a põe em prática, esse, sim, me é mãe, irmão e irmã". Nas bodas de Caná, como me disseste, quando a mãe o cientificou da falta de vinho, respondeu Jesús: "Senhora, que temos nós com isto? minha hora ainda não chegou". E, no alto do Calvário, se despede o Crucificado de sua mãe com as palavras lacônicas: "Senhora, eis aí teu filho", referindo-se a tua pessoa. Não amava Jesús sua mãe? não era carinhoso para com ela?...

Por muito tempo calou-se João. Por fim, encarando o companheiro, disse:

— Convence-te, amigo, de que este ponto será sempre para nós dois e para todos os homens insoluvel mistério. O que eu sei, dir-to-ei; mas isto não desvenda o mistério. Sabes que Myriam é minha mãe adotiva, por vontade do Mestre. Ela não tem segredos para mim, lugar-tenente que sou de seu Jesús. Mas não é aquí a dificuldade. A dificultade está na fragilidade da nossa compreensão. Jesús tinha do parentesco idéia incomparavelmente mais alta do que nós. Para ele, a afinidade das almas era tudo...

— A afinidade das almas era tudo — repetia Lucas, como se ouvisse ecos duma voz que, havia muito, clamava nas profundezas de sua alma. — A afinidade das almas é tudo...

— Antes de tudo — prosseguiu João — afirma Myriam que Jesús foi sempre para com ela e Joseph o mais obediente e amavel dos filhos. E isto tambem durante a sua vida pública. Se deu desgostos aos pais, foi no indeclinavel cumprimento da sua missão messiânica. O carater de Jesús é diáfano como um cristal — mas ele não deixa de ser o maior dos enígmas...

— E como se entendem então aquelas palavras frias, ásperas, quase ofensivas?

— Como te dizia, Lucas, para o Mestre, a afinidade espiritual era tudo; o simples parentesco natural pouco pesava na balança dos seus valores. E, como o povo só invocava esse parentesco puramente material, os laços naturais da carne e do sangue, recusava Jesús fazer suas as idéias primitivas do povo. As suas palavras incisivas devem ser interpretadas à luz dessas sugestões errôneas ou imperfeitas do ambiente. São ecos ásperos à aspereza da voz que os produziu. Toda essa incompreensivel atitude do Nazareno em face de sua família e de sua mãe, parece-me como que uma parábola, uma discreta alegoria, feita antes de reticências que de palavras — e

até essas reticências semelham lágrimas de dor e de incompreensão.

Nossa mãe não é, propriamente, aquela que nos deu o ser material. Nossos irmãos não são de preferência aqueles que, repousaram nove meses no mesmo seio materno, que conosco beberam o mesmo leite; mas, sim, aqueles seres humanos que teem as nossas idéias e professam os nossos ideais; os que vivem as nossas alegrias e sofrem as nossas dores; os que soluçam os nossos desenganos e compreendem as nossas incompreensões; os que de olhos baixos e lábios fechados sabem presenciar as nossas derrotas íntimas e silenciar as nossas fraquezas pessoais; são os que conosco sobem aos cumes do entusiasmo religioso e conosco descem aos abismos da solidão interior... Nossa mãe, nosso irmão, nossa irmã, nossa família não se identifica com os seres humanos que teem o sangue das nossas veias, mas, sim, a vida do nosso espírito. Podem nossos parentes mais próximos ser perfeitamente os que viveram antes do dilúvio ou vivem nas mais longínquass plagas da tera; os que nunca vimos nem jamais veremos. Um espírito harmonizado por meu espírito, uma alma afinada por minha alma, um coração identificado com o meu, para a vida e para a morte — eis meu irmão, minha irmã, minha mãe! O que decide

não é o parentesco fortuito da carne, mas a íntima afinidade do espírito.

— Tens razão, meu amigo, tens muita razão — disse Lucas, pensativo. — É isto que nos une e identifica... E o que nos separa e distancia um do outro não é o tempo nem o espaço, nem a diversidade do sangue, é a heterogeneidade do pensar e querer, do sentir e agir. É a diversidade das idéias e dos ideais que nos alheiam um do outro, que tornam estranhos entre si os filhos da mesma família, que dissociam os cônjuges do mesmo consórcio, que desharmonizam os que mais unidos pareciam viver. Não é que os nazarenos, parentes e companheiros de mocidade de Jesús, discordavam do seu espírito? "Seus irmãos não criam nele"... Faltava-lhes a afinidade espiritual. Não eram da sua família... Mas, não existia entre Jesús e sua mãe essa afinidade?

— Existia, certamente, e mais íntima que entre outra alma qualquer; pois, se ela era cheia de graça, bendita entre as mulheres, se com ela estava o Senhor de um modo especial, não podia o seu espírito deixar de harmonizar com o espírito de Jesús. Mas, como o ambiente em que viviam só dava importância ao parentesco natural, como disse, não queria Jesús confirmar o povo nessa sua falsa ou imperfeita concepção e repele com a mesma veemência a idéia dum parentesco pura-

mente material com que enaltece a afinidade espiritual. Myriam contraiu com Jesús mais íntimo parentesco quando, pelo amor, concebeu o Verbo Eterno do que quando, pela incarnação, concebeu a humanidade de Jesús. por causa dessa concepção espiritual é que Jesús queria um bem imenso a sua mãe, É por isso tambem que Myriam nunca se ofendeu com nenhuma das palavras do filho que a nós parecem àsperas, porque ela lhe conhecia o espírito e concordava integralmente com a preferência que Jesús dava à afinidade espiritual sobre o parentesco natural. Se, como mãe, amava a seu filho unigênito, como criatura amava infinitamente mais a seu Deus e Criador.

— Insondaveis mistérios — murmurava Lucas. — O' Jesús de Nazaré, tu és o mais claro e o mais obscuro dos homens!... tu és uma luminosa escuridão!... E tu, Myriam, bebeste os mistérios do homem-Deus, e te tornaste para nós incompreensivel enigma!...

14. No mundo - e não do mundo

Ainda nessa mesma noite, em casa de Teócrito, enquanto espaireciam sob as esbeltas palmeiras, continuaram Lucas e João a revolver graves problemas que lhes inquietavam o espírito. Lucas, com aquela agudeza própria dos pensadores helenos, penetrava cada vez mais profundamente nas grandes realidades da vida de Jesús e de sua mãe, ao passo que João, graças ao seu misticismo contemplativo, remontava, por vezes, a tão excelsas alturas que mal conseguia o médico antioqueno acompanhá-lo nesses voos aquilinos.

Nessa mesma noite, depois de abordarem assuntos de somenos relevância, retomou Lucas o fio do pensamento e perguntou ao filho de Zebedeu:

— É verdade, João, que Myriam tomou parte em uma festa nupcial?

— É fato — respondeu o outro, secamente.

— E que lá estava Jesús com os seus discípulos?

— Perfeitamente. Foi a primeira vez que aparecemos em público ao lado do Nazareno. Foi

em Caná da Galiléia, poucos dias depois do nosso primeiro encontro com o Messias. Cefas e seu irmão André, Filipe, Natanael, eu, mais alguns estivemos presentes às bodas. Um dos nubentes era parente próximo de Myriam. Justo era que ela comparecesse. Alem disto, é muito prestimosa e habil em todos os misteres domésticos.

— E ela não se sentia constrangida nesse ambiente profano?

— Profano, sim, porém muito decente. Constrangida? nunca vi Myriam constrangida em sociedade alguma. Já dias antes da festa, estava Myriam em Caná, tomando parte ativa nos trabalhos preparatórios. Durante os festejos, sempre a vi alegre, modesta e bem disposta. A sua alegria espontânea e leve — não encontro outro termo — comunicava-se a todo o ambiente. Servir aos outros, foi sempre uma das grandes alegrias da serva do Senhor.

— Dificil coisa deve ser expandir-se no meio da sociedade sem perder a concentração interior — murmurava Lucas, meneando significativamente a cabeça.

— Dificil, sim, mas não impossivel — respondeu João. — De resto, para Myriam nem mesmo parecia ser dificil, como, aliás, todas as coisas árduas da sua vida revestiam sempre um quê de leveza e de graça, como se fossem feitas

com extrema facilidade, quase a brincar. Muito aprendi de minha mãe adotiva, menos isto.

Os que não conviveram com Myriam não conhecem este aspecto atraente da sua personalidade. Para nós, menos privilegiados, há dois extremos, quase inconciliaveis : a expansão e a concentração, o dinamismo e o misticismo. Viver no meio da sociedade, é facil. Fugir da sociedade, não é impossivel. Mas, conciliar esses dois extremos, viver no mundo sem ser do mundo, reduzir a uma síntese essas antíteses, fazer dessa desharmonia uma sinfonia — é o que há de mais dificil na vida espiritual de todo homem.

Myriam sabia ser toda de Deus, na oração — e toda do próximo, no trabalho.

Toda mística — e toda dinâmica.

Toda contemplativa — e toda ativa.

Quando com Deus, não se esquecia das necessidades do próximo — e quando na sociedade, não perdia de vista a Deus.

Por isso, a sua presença num salão de festa era como um raio solar que, das serenas alturas, se difunde pelo ambiente profana, mas não se profana nem se contamina pelo contacto com as coisas imundas. A presença de Myriam inspirava alegria e devoção ao mesmo tempo. Fazia amar a Deus e querer bem às criaturas de Deus. Para fazer bem, não era necessário que ela dissesse ou

fizesse muita coisa — bastava a sua santa e pura presença. Essa mesma presença é que era benéfica, porque Myriam era boa, intimamente boa, cheia de graça, cheia de luz, cheia de Deus. As almas boas fazem bem, muito antes de fazerem alguma coisa, externamente. Fazem bem pelo fato de serem boas. Amigo Lucas, eu não estou dizendo, propriamente, o que quisera dizer. Há certas coisas indiziveis... Mas tu, que és homem culto, compreenderás o que eu quisera dizer e não disse...

— Meu caro amigo — disse Lucas, vagarosamente, como que sonhando e olhando para a escuridão da noite. — Compreendo o que queres dizer e não disseste, porque tambem eu sinto em torno de Myriam essa indefinivel aura de bondade e divina espiritualidade. Creio mesmo que o único meio de fazer bem é ser bom.

Pode o homem intimamente mau fazer quanto bem quiser, não melhora as almas; pois, em última análise, não vale tanto o que fazemos, dizemos ou sabemos, vale o que somos. Quanto mais alguem é interiormente, tanto maior bem fará ao próximo. Ser bom é a única possibilidade de fazer bem e tornar melhores os outros.

— Pois, Myriam era assim: fazia bem a todos, porque era intimamente boa. Quando ela, em Caná, disse aos serventes: "Fazei tudo o que

o Mestre vos disser", estavam os serventes ansiosos por lhe cumprir a vontade, porque sentiam a bondade de Myriam.

— Não me contaste, João, o que aconteceu durante essa festa nupcial.

— No segundo dia acabou o vinho. Myriam, que servia à mesa dos homens, deu logo pela falta e ficou profundamente penalizada. Como poupar ao dono da casa o vexame de servir aos convivas água pura, no tempo restante? Discretamente, disse ela ao ouvido de Jesús: "Eles não teem vinho". Respondeu-lhe o filho: "Senhora, que temos nós com isto? minha hora ainda não chegou"...

— Jesús disse isto?

— Disse.

— Recusou-se a atender à sugestão da mãe?

— Absolutamente. Tanto assim que Myriam foi logo dar instruções aos serventes para fazerem tudo o que Jesús lhes dissesse. Estava, pois, convencida de que ele interviria no caso.

— Estranha essa linguagem!...

— Estranha para nós, que não conhecemos devidamente o espírito do Nazareno e de sua mãe. Assim como Myriam não viu repulsa nessas palavras, tambem não viu nelas aspereza alguma. Compreendeu até que já era chegada a "hora de

Jesús", quando antes dessas palavras não parecia chegada ainda.

Levantou-se Jesús e foi à dispensa, onde havia seis grandes talhas de pedra, como são de uso entre nós para as abluções prescritas. Mandou aos serventes que as enchessem de água. Depois de cheias as talhas, ordenou aos serventes que tirassem do conteudo e levassem ao mestre-sala. Este provou do licor e verificou que era vinho, e do melhor. Nós, Cefas, André, Filipe, Natanael, eu e todos os mais, ficámos estupefactos, e estupefactos ficaram todos os presentes, à exceção de uma só pessoa...

— A saber?...

— Myriam. Esta não mostrou a menor surpresa, como se achasse aquilo perfeitamente natural. Continuou a servir à mesa dos homens com grande alegria, porque todo o seu prazer consistia em ver felizes os outros e servir aos servos de Deus.

— Quem é intimamente bom gosta mais de servir do que de ser servido...

— Por isso dizia tambem Jesús de si mesmo: "Eu não vim para ser servido, mas para servir... Mais belo é dar que receber"... Reinava uma grande harmonia entre o espírito de Jesús e de Myriam.

Desde esse dia, nós, os amigos do profeta de Nazaré, nos tornamos ainda mais amigos dele. Não compreendiamos ainda o verdadeiro carater e a magnitude do seu reino, mas adivinhavamos que era algo de grande e sublime, que bem valia todo o entusiasmo do nosso coração, todos os trabalhos das nossas mãos e todos os sofrimentos da nossa vida. Se a bondade do Nazareno nos enchera de amor, o seu poder taumaturgo nos infundiu na alma ilimitada confiança.

Eramos felizes, muito felizes...

15. A força da fragilidade

Desde que Lucas se encontrara pela primeira vez com Eliud, tinha ele a impressão de que esse velho cego era um vidente das coisas invisíveis. E nessa opinião o confirmou o reencontro com ele em casa de Myriam.

Eliud conhecera o divino Mestre. Fôra até discípulo dele. A sua vida, desde aquela cena no templo de Jerusalem, era um mixto de luzes e trevas, de esperanças e desesperos, de luminoso otimismo e de negro pessimismo; fervia-lhe perenemente nas profundezas da alma a lava candente de um grande vulcão...

E esse mesmo vulcão interior arruinara economicamente a vida de Eliud, e, quando lhe sobreviera essa cegueira, o reduzira a completa indigência. O absoluto desinteresse que ele mostrava pelos valores do mundo material, desde que seu espírito descobrira o universo das grandezas de Deus, era a causa da sua ruina econômica. Ouro e prata tanto lhe valiam quanto um punhado de areia das praias do Jordão ou um pouco de lixo das ruas de Jerusalem. Muitos dos

seus prudentes e sensatos concidadãos o tinham por um louco e desequilibrado. Pois, todo o homem que se distancia do nivel da quotidiana mediocridade é fatalmente taxado de louco pela sociedade que trilha as veredas seguras da rotina protocolar.

Resolveu Lucas encontrar-se a sós com Eliud e ouvir dos seus lábios alguns episódios da vida de Jesús e de sua mãe.

Sentado sobre um bloco de rocha, ao pé duma figueira que fazia guarda de honra à paupérrima choupana que o cego habitava, recebeu ele a visita do médico-escritor. A pequena Judite deixou os dois homens a sós e retirou-se para o interior da casa.

Já vinham as penumbras do crepúsculo baixando sobre a terra...

Lucas, depois de cumprimentar amavelmente o ancião, declarou a sua identidade e sentou-se defronte do cego sobre um pedaço de rocha.

— Em que é que estavas pensando neste momento, amigo Eliud? — perguntou Lucas.

— Estava contemplando a gloriosa derrota do Nazareno — respondeu o outro, imovel como estava, com a cabeça ligeiramente reclinada para trás, como que à procura dum raio de luz, que os olhos lhe negavam.

— A gloriosa derrota do Nazareno — repetiu o médico. — Sim, a mais gloriosa derrota que já houve no mundo, porque a maior de todas as vitórias...

— No primeiro dia daquela última semana — prosseguiu Eliud — entrou ele em Jerusalem, montado num jumento. Tamanho foi o júbilo que o acolheu que até Cefas e João estavam convencidos de que seria inaugurado, enfim, o reino de Deus. Ainda não haviam compreendido que o Nazareno não vinha restabelecer a prosperidade material do reino davídico, mas proclamar, para todos os tempos, o reino da justiça e da verdade, o reino do amor e da graça, o reino a paz da alma e da felicidade do espírito, o reino das humildes grandezas de Deus... Sobre as capas dos seus amigos, estendidas no chão, e sobre as folhas e flores que juncavam a estrada, por entre os hosanas da multidão e os salmos das crianças, entrou ele na cidade — com os olhos cheios de lágrimas.

— Lágrimas, por que?

— Porque os homens eram cegos, mais cegos de espírito do que eu estou cego de corpo... Não queriam compreender a natureza do reino de Deus... Nem mesmo os seus discípulos... Não tinham ainda sofrido bastante... O sofrimento é a chave de toda a sabedoria... Quem não sofre

é um ignorante, um eterno vácuo... O gozo nos fecha os olhos da alma e embota-lhe a sensibilidade espiritual. A dor nos abre os olhos para a realidade. Quem não sofreu muito é como um homem que dorme, soterrado num longo sono de hibernação, assim como certos animais durante os meses de inverno. Só um grande sofrimento pode tirar a alma do torpor desse sono hibernal e despertá-la para a grande primavera da vida, do mundo do espírito, do universo de Deus... Não se pode ensinar nem aprender esse mundo divino, só se pode vivê-lo e sofrê-lo. Quem não vive e sofre esse mundo, fica eterno analfabeto da realidade, porque a verdadeira realidade está no reino do espírito. Quando se dissipa a noite das coisas tangiveis então desponta o dia do universo intangivel, o reino de Deus. Pobre do homem que vegeta apenas a vacuidade da sua vida material, e não vive a plenitude da vida espiritual!...

Naquele dia — prosseguiu Eliud, depois duns momentos de concentração — tinha eu a impressão de que algo de terrivel estava para acontecer...

— Por que, Eliud?

— Por que?... Dificil dizer, porque, Lucas... Uma apoteose como essa devia, necessariamente,

ser o prelúdio de algum fato sinistro como os abismos da geena. E tu sabes o que aconteceu quatro dias após esses hosanas... As palmas murchas esparsas pelo caminho da glória foram tintas com o sangue do maior opróbrio que já desabou sobre a cabeça de um mortal...

— Dize-me, Eliud, onde estava Myriam, nesse dia do grande triunfo de Jesús?

— Myriam? não a vi em parte alguma. Nem era de seu carater aparecer em ocasiões dessas. Ela, a mãe do grande profeta, nunca aparecia quando seu filho era alvo de louvores e ovações, porque um reflexo dessa glória recairia necessariamente sobre ela. Mas, assim que terminaram os *vivas* e começaram os *morras* lançados contra Jesús, reapareceu ela e recebeu farto quinhão dessas injúrias irrogadas a seu filho.

Na noite em que Jesús foi preso, estava Myriam, com Madalena, Salomé e algumas outras, numa casa, nas alturas de Sion. Sabiam de tudo. Todas elas, numa angústia imensa, acompanharam as cenas da sexta-feira. Não fosse Myriam, não teriam as outras resistido à tempestade de sofrimentos que lhes varria a alma. Ela, embora com o coração traspassado de dor, como predissera o velho Simeão, mantinha firme e serena dignidade, e, através das lágrimas dos seus olhos transluzia sempre a fé inabalavel na providência de

Deus. Quando o coração lhe ia estalar sob a dor, relembrava Myriam as palavras do anjo em Nazaré e o que o próprio Jesús lhe dissera sobre esses acontecimentos.

Quando ela soube que Pilatos lançara aos pés de Jesus a vara partida, proferindo sentença de morte, dirigiu-se com as suas companheiras às alturas do Gólgota, por um atalho, porque a subida principal estava tomada por um tropel de gente. Na bifurcação dos caminhos aguardavam elas o sentenciado, que carregava a pesada cruz do seu suplício. Não sei, amigo Lucas, como Myriam resistiu a esse encontro com Jesâs. O Nazareno era uma única chaga viva, da cabeça aos pés. Até hoje vejo, através da noite da minha segueira, esse mar vermelho de sangue... As suas vestes ensopadas de sangue... Os longos cabelos negros formavam espessa pasta sangrenta... Do rosto quase nada se via, de tão enxovalhado... A própria cruz estava coberta de manchas rubras e dos vestígios dos dedos que a seguravam.

Jesús, ao ver sua mãe, parou um instante. Cruzaram-se os olhares de mãe e filho... Ninguem falou... Mas aquele silêncio de parte a parte dizia mais que milhares de palavras pudessem dizer. Amor, gratidão, resignação, fé, esperança, dor imensa, alegria infinita — tudo isto can-

tava e chorava nessas duas almas através daquele rápido olhar...

Foi o último encontro de mãe e filho, nesta vida mortal...

Aos empurrões atingiu Jesús o topo da colina...

Durante aquelas três horas de agonia do Redentor agonizava tambem a alma de Myriam; mas não teve o supremo alívio da libertação como seu filho moribundo... Calada, sem uma palavra, deixou cair sobre si um dilúvio de injúrias e impropérios, como se fosse cúmplice de todas as culpas e crimes que atribuiam ao Crucificado...

. . . . . .

Neste momento chegou Judite, e, silenciosa, foi sentar-se a pouca distância, num dos blocos de pedra calcárea, cuja brancura contrastava fantasticamente com a escuridão que vinha baixando, célere, das alturas do céu.

Eliud passou as mãos pelos olhos, como que disfarçando as lágrimas, e continuou a meia-voz:

— Sem nada havia ele entrado no mundo — e sem nada queria deixar o mundo... Fortuna — não a tivera. Amigos — onde estavam eles? As suas vestes — já andavam distribuidas pelos soldados romanos. O seu próprio corpo — esparso em poças de sangue, parcelas de carne e de pele, desde o Pretório até ao Gólgota.

Um fio ainda o prendia à terra — sua mãe. E foi então, naquela hora trágica de infinita sublimidade, que nosso Mestre resolveu partir com suas próprias mãos o último, o mais querido, o mais íntimo de todos os liames que à terra o prendiam: "Senhora, eis aí teu filho", disse à mãe, e, olhando para João: "Eis aí tua mãe".

Roto e derradeiro vínculo terrestre, podia a a alma do Cristo voar livremente às alturas do Infinito...

E a serva do Senhor sentiu no âmago da alma uma das mais crueis punhaladas da sua vida. Desde que ela dissera ao anjo: "Faça-se em mim segundo a tua palavra", estava com ela Jesús, o Verbo Eterno feito homem. E agora, rota essa união corpórea... E dentro de seu coração se abriu um vácuo tão grande que nenhuma plenitude o poderia jamais encher — nenhuma, fora de Deus...

Na véspera desse grande dia, reclinado ao peito do Mestre, bebera João umas gotas daquela imensa caridade que homem algum podia compreender — mas como podiam essas gotas encher os espaços duma alma de mãe habituada à vastidão do próprio mar?...

Desde que se foram o corpo e a alma de Jesús, vive Myriam com os olhos fitos no horizonte

vespertino, onde submergiu, entre nuvens de sangue e de luz, o sol da sua existência...

Nela geme a saudade de Jesús...

Nela canta a alegria do Senhor...

Nela vive a fé num mundo futuro...

Nela vibra a esperança do reencontro...

Nela arde a lâmpada sagrada dum amor imortal...

E é por isso, amigo Lucas, que eu amo a Myriam, mãe do nosso grande Mestre, Amigo e Redentor...

É por isso que a noite perene das minhas pupilas é mais luminosa que os dias claros da minha mocidade...

É por isso que o mais profundo abismo dos meus sofrimentos canta o aleluia da Páscoa e o hosana da minha felicidade...

— E é por isso — disse Judite, levantando-se e erguendo ao céu noturno a mãozinha morena e magra — é por isso que eu quero entregar o meu coração a Myriam para que o leve como uma pequenina estrela ante o trono de seu querido Jesús...

— E é por isso — disse Lucas — que eu quero escrever o Evangelho de Jesús Cristo e de sua mãe, o Evangelho da misericórdia e do amor, o Evangelho da redenção e da graça, o Evangelho da luz e da beatitude, para que todos os po-

vos conheçam, amem e sirvam ao Deus eterno que se fez homem, no seio de Myriam, cheia de graça, a qual chamarão bem-aventurada todas as gerações, até à consumação dos séculos...

.....

Quando os três se levantaram, era noite cerrada...

Nenhuma nuvem no céu...

Miríades de astros pontuavam a intérmina vastidão do firmamento...

E a *via-lactea* expandia a sua misteriosa faixa fosforescente de um a outro horizonte do universo...

Uma como sinfonia divina parecia cantar através do silêncio profundo dos espaços cósmicos...

Ave...

Cheia de graça...

O Senhor é contigo...

Bendita és tu entre as mulheres...

Ave... ave... ave...

INDICE

Nota preliminar 5

Amigo agradecido 7

1. Myriam e Lucas 9

2. O segredo dos dois 13

3. O misterio da vida 25

4. Apoteose da luz 33

5. Servir — ou ser servido? 41

6. Hino de alvorada 49

7. Angústia de duas almas 59

8. O sol da meia-noite 67

9. A grandeza da pequenez 79

10. Purificando um raio solar 85

11. Homenagens e exílio 93

12. Lampejos do além 105

13. Afinidades espirituais 115

14. No mundo — e não do mundo 121

15. A fôrça da fragilidade 129

OBRAS PRINCIPAIS DO MESMO AUTOR:

NOVO TESTAMENTO — 3.ª edição (25.º milheiro).

Tradução do texto grego original, harmonizado com a Vulgata e com 150 páginas de notas explicativas. — **15$000.**

JESUS NAZARENO — 4.ª edição (no prelo).

A mais completa biografia de Jesus Cristo, em vernaculo. Com um prefacio do cardial Leme.

PAULO DE TARSO — 2.ª edição.

Biografia do grande apostolo e explicação das suas epistolas. — **18$000.**

AGOSTINHO

A vida dramatica e os mais belos pensamentos do grande luminar do Cristianismo. A' venda em agosto de 1942.

PANORAMA DO CRISTIANISMO

Suma da doutrina de Cristo organizada com mais de 3.000 textos biblicos. — **12$000.**

PROBLEMAS DO ESPIRITO — 3.ª edição.

Estudo sobre a alma humana e suas relações com o mundo invisivel. — **10$000** (edição de luxo).

ESPLENDORES DA FE' — 3.ª edição.

Expõe as idéias dos maiores vultos da ciência de todos os tempos sobre os problemas centrais da vida humana. Com um prefacio de Tristão de Ataide. — **8$000.**

NOSSO MESTRE — 3.ª edição (25.º milheiro).

Antologia escolar feita com trechos selectos dos 4 Evangelhos. Aprovado pela Comissão Nacional do Livro Didático e adotado nos estabelecimentos de ensino de diversos Estados do Brasil. — **8$000** (para escolas: **5$000**).

ALEGORIAS — 2.ª edição.

Historias de plantas e animais, com vistas à sociedade humana. — **5$000.**

MARAVILHAS DO UNIVERSO — 4.ª edição (no prelo).

Estudo sobre a ordem e finalidade que vigoram no mundo mineral e organico. Com um prefacio do cardial Leme.

LUZES

Estudos cientifico-religiosos sobre Deus, o mundo, o homem e o Cristianismo. — **6$000.**

Rio de Janeiro — Caixa postal 831

Composto e impresso na
GRÁFICA PAULISTA
de JOÃO BENTIVEGNA
Rua Silveira Martins, 252
Telef. 2-3417 — S. Paulo

Princeton Theological Seminary-Speer Library
1 1012 01002 3663

ACABA DE APARECER A GRANDE OBRA...

"AGOSTINHO"

POR

HUBERTO ROHDEN

Do prefacio que Monsenhor Ricardo Liberali, Vigario Geral da Diocese de Uruguaiana, escreveu para esta recente obra do autor de "Jesus Nazareno" e "Paulo de Tarso", destacamos os seguintes topicos:

"Acabo de lêr, de um só fôlego, o grandioso livro AGOSTINHO. Estou simplesmente encantado! E' um livro que se lê como um romance, e ao mesmo tempo enche a alma de intensa satisfação e proveito espiritual.

Vai revolucionar o Brasil!

E' um livro que fará converter muitos pecadores, católicos e não católicos: todos baterão no peito.

Muitos dos modernos terão em Agostinho o "seu Santo" a imitar — e um Santo que "pode" ser imitado.

Abençoada seja a mão que tais paginas escreveu!

Quanta filosofia, quanta psicologia neste livro!

Será o precioso companheiro de todo o homem ilustrado.

Por este livro há de entrar a redenção para muitos intelectuais do nosso país. Verão eles que a religião não é apenas "para mulheres e crianças". Ela agasalha tambem os chamados "espiritos fortes", como o filosofo Agostinho, que empolga o escol da humanidade".

(Uruguaiana, 4 de maio de 1942).

Mons. Ricardo Liberali

Preço: 25$000

Pedidos à Caixa postal 831 — Rio de Janeiro